

**S O B R E**  
**V I V E N T E S**



**V I V E N T E S** **S O B R E**

Laís Matos



**DEDICADO AOS VIVENTES**

*In memoriam*

Carlos César Lopes Carneiro da Silva

Josineide Ferreira Nascimento

Valdemiro Cordeiro

Daniella Bezerra Pereira

Dionei Iraty Barreto da Silva Filho

Raphael Leão

Dimas Argolo Rodrigues







|    |          |
|----|----------|
| 20 | Espelho  |
| 34 | Ferrugem |
| 50 | Poeira   |
| 66 | Ruído    |
| 80 | Sopro    |
| 98 | Epílogo  |

**A T R A P A L H A N D O   O   T R Á F E G O**

Estava voltando para casa em um fim de tarde de Salvador. O ônibus lotado e o mormaço do outono pareciam deixar ainda mais longo o engarrafamento já esperado pelos passageiros. Sinto o celular vibrar e abro a mensagem. Era a foto de um rapaz em queda livre do viaduto da Cardeal da Silva para a Avenida Anita Garibaldi. Depois da foto, recebo um vídeo delineando melhor a queda.

O motivo de eu ter recebido a mensagem se deve a criação de um projeto que não se limita a este livro. Se deve à alguns incômodos que me acompanham há muito tempo e ainda ecoam em minha mente. Por que o suicídio é tão pouco noticiado pela mídia? Por que temos certo desconforto em discutir sobre um fenômeno que desperta o nosso interesse? Qual a razão dessa temática ainda ser um tabu em nossa sociedade?

Um dia depois que vi as imagens do rapaz pulando do viaduto, leio uma pequena nota em um blog regional narrando o ocorrido. O site, talvez para ganhar mais visualizações, co-

locou não apenas as fotos, mas também o vídeo do ato. Mas há uma razão para esse suicídio ser noticiado, diferente da maioria que permanece velada nos meios de comunicação. O rapaz pulou de uma das principais avenidas da cidade. O fato causou tumulto, bloqueou o trânsito, chamou a atenção dos passantes que registraram o ocorrido e compartilharam nas redes sociais. “Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”.

Enquanto o pulo do rapaz causava espanto à capital baiana, na esfera privada outros jovens se trancam em seus quartos procurando alguma forma de fugir da angústia em que vivem, homens e mulheres que se vêm desesperados após vivenciarem um grande trauma ou simplesmente acreditam que não há mais motivo para continuar existindo. Para essas pessoas, uma notícia imprudente ou até mesmo uma foto podem servir de estímulo para um novo suicídio. Por isso, os meios de comunicação evitam tocar no assunto. Depois de tanto tempo em silêncio, beiramos a desinformação.

No entanto, nos últimos anos, os debates sobre o suicídio têm crescido nos veículos de comunicação. Na contracorrente, matérias e estatísticas variadas podem ser encontradas em qualquer ferramenta de busca. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, entre 20 e 60 milhões de pessoas tentam se matar a cada ano. São números que assustam e provam que o suicídio não é um fenômeno raro. É um assunto de interesse público.

Por ter consciência disso, surgem campanhas como Setembro Amarelo<sup>1</sup> e outras ações de prevenção e debate sobre

---

<sup>1</sup> Setembro Amarelo é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio, com o objetivo direto de alertar a população a respeito da realidade do suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenção. Ocorre no mês de setembro, desde 2014, por meio de identificação de locais públicos e particulares com a cor amarela e ampla divulgação de informações.

suicídio. Mas essa abundância de dados e informações, apesar de necessários, não se debruçam sobre a dor de quem perde alguém que se matou. Estamos acostumados com campanhas de todos os tipos, mas quando se trata da dor psíquica, do desespero que leva alguém a tirar a própria vida, seja ele qual for, não sabemos lidar. Por isso, é mais fácil empurrar para debaixo do tapete.

O que me instigou a fazer esse livro foi justamente a vontade de descobrir o que está além dos números. O que há de frágil e doloroso por trás dessas estatísticas que, aos montes, não revelam os pormenores de um fenômeno tão delicado e, ao mesmo tempo, tão intenso.

Quando uma foto escancarando um suicídio circula pelas redes sociais, alguns pensam imediatamente na família e nos amigos expostos com a situação. Se perder alguém por circunstâncias tidas como naturais já é devastador, quando esse alguém é uma pessoa que escolheu interromper a própria vida, a sensação de abandono pode ser ainda maior. Além disso, na maior parte dos casos, as pessoas próximas do suicida não conseguem lidar com o sentimento de culpa e vergonha. A saúde mental dá a elas o nome de sobreviventes.

Aqui estão os depoimentos para além dos dados. São memórias de luto costuradas por um único fio condutor: a dor de perder alguém querido para o suicídio. Coloco aqui cinco histórias de pessoas que viram um suicídio acontecer de perto e sobreviveram. São pessoas que se dispuseram a compartilhar sua experiência e de que forma convivem com a dor e a saudade.

Em cada um dos cinco capítulos, adentrei na intimidade de alguém, não só da pessoa que se propôs a contar, mas também de quem escolheu dar fim a própria vida. Para os entrevistados, a dificuldade em conversar sobre um assunto tão frágil e complexo, assim como a culpa e a vergonha

que refletem o tabu ainda existente, foram superados de um modo que me permitiu fazer essa invasão.

Também foi levado em conta o tempo que cada um tem de luto. Tive o cuidado de não abordar casos com perdas recentes. Com certa distância de tempo, pode ser mais fácil falar sobre os traumas e os relatos podem ser mais minuciosos. A intenção não é mostrar as feridas deixadas por um suicídio, e sim as cicatrizes.

Por esse motivo, não podemos cobrar da imprensa abordagens mais profundas sobre os casos de suicídio, já que para notícias factuais, o assunto deve estar fresco. Há uma barreira muito mais complexa que mantém o assunto velado. Mesma barreira que faz as pessoas terem receio de falar sobre suicídio e mantém os parentes e amigos dentro de uma cápsula inviolável.

Este livro não é para responder as questões que ecoam na minha mente e possivelmente nas mentes de outras pessoas. Acredito que ele sirva para levantar questões, dar luz àquilo que costuma ser empurrado para debaixo do tapete e aos poucos é esquecido. É um livro para nós, sobre viventes.

**CVV – Centro de Valorização da Vida**  
**Ligue 141**









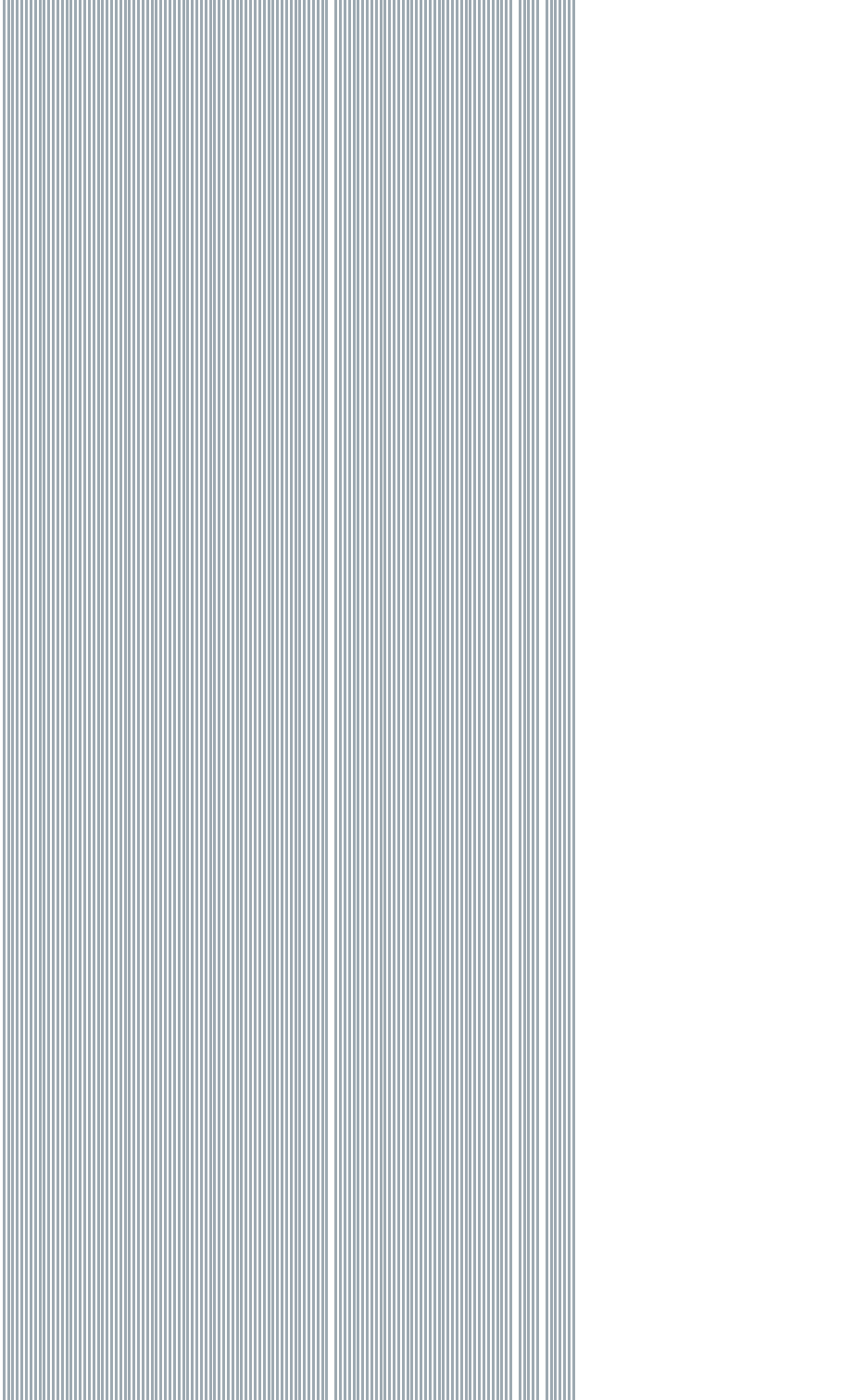




ESPELHO







“Um homem com uma dor é muito mais elegante”. A frase de Leminski parece ter sido pensada para Carlos César Carneiro. Sempre bem arrumado, o policial acordava todas as manhãs e pegava a arma que repousava debaixo do seu travesseiro. Levava o objeto para o banheiro e deixava ao seu lado enquanto tomava banho. Nas ocasiões em que saía de casa para dar uma volta, levava consigo sua parceira. Sentava no ônibus, tirava o revólver da cintura e colocava na cadeira ao lado. O estranhamento das pessoas ao ver um homem armado não perturbava a tranquilidade que sentia, muito menos o seu gosto pela segurança.

De poucas palavras, Carlos César não entendia de afetos. Preferia ficar isolado. Apesar do amor que sentia pelos dois filhos, especialmente o primogênito, Carlos Enrique, que herdou seu primeiro nome, não tinha muita habilidade para demonstrar os sentimentos. “Era o tipo de pessoa que se você der um presente, vai aceitar, mas não faz questão al-

guma de ganhar”. Mesmo com toda a ausência emocional, ele dava muitos conselhos, não só aos filhos como também aos quatro irmãos, todos mais novos, fazendo dele uma referência para toda a família.

Para ele, não havia meios termos. E era isso que lembrava sempre ao pequeno Enrique, que ainda era um menino, em meados dos anos 1990. “Fale a verdade sempre. Mas se mentir, morra mentindo. Pior que mentir é ter duas palavras e não existe homem de duas palavras”. Os ensinamentos e a postura daquele homem despertaram desde cedo a admiração do filho, que buscava seguir os mesmos passos que ele. Foi cedo também que Enrique decidiu se tornar policial civil, como o pai.

- Você quer mesmo ser policial como eu, meu filho?
- Não. Quero nada.
- Ô rapaz, é bom. Tente ser.
- Tá bom, meu pai, vou ser. Vou ser porque você é!
- Não pode! Tem que ser porque você gosta.

Foi assim que Enrique começou a observar e gostar da profissão. Quando os dois passeavam na viatura, ele sempre pedia para Carlos ligar a sirene e se divertia imitando o som. Às vezes, ia ver o pai jogar bola. Enquanto Carlos fazia os dribles, o menino gritava e apontava para o pai cheio de orgulho. “Talvez tenha sido por influência dele. Não sei. Mas era uma coisa que eu já queria e consegui”.

Enrique não lembra de muita coisa da época em que seus pais se separaram. Ele tinha oito anos e seu irmão, Felipe, ainda estava na barriga da mãe. Ele sabe que os dois brigavam bastante. Emília, a mãe dos meninos, era baiana de acarajé e, assim como Carlos, sempre manteve certa distância afetiva dos filhos, apesar da dedicação. Mesmo depois do fim do casamento, continuou apaixonada pelo marido, mas ele já planejava sair de casa há muito tempo e assim o fez.



Também foge à memória de Enrique o estado mental de seu pai. Ainda criança, ele não percebia que a obsessão de Carlos em proteger a família e desconfiar de todos não eram comuns até mesmo para um policial civil. “Lembro de uma vez que ele foi lá em casa nos visitar, já separado de minha mãe. Ele entrava na casa e olhava cômodo por cômodo pra ver se não tinha ninguém estranho lá dentro. Abria os guarda roupas, olhava nos cantos...”

Carlos César também tomava muito cuidado para não ter mais filhos com outra mulher que não fosse Emília, com medo de dividir o pouco que tinha com mais crianças. “Ele prezava muito os filhos, principalmente a mim”. Quando Felipe nasceu, Carlos não morava mais na mesma casa. “Então, para ele, o filho era eu, que ele viu nascer. Tinha essa atenção maior comigo do que com meu irmão. Na verdade, ele morreu com isso na cabeça. Lembro que meu tio falou uma vez que ele queria fazer um teste de DNA pra saber se era realmente pai do meu irmão porque tinha dúvidas. Sempre muito cismado”.

Para o filho, as peculiaridades de Carlos César não passavam de manias de um homem de meia-idade. Ele gastava as horas retirado em seu quarto e evitava sempre que possível, o contato com os outros. “A depressão era tão grave que ele se escondia das pessoas. Tentava se esconder da sociedade. Uma vez eu tomei um susto. Entrei no quarto e ele estava deitado, um pouco traumatizado, com medo das coisas. Ele se assustou muito comigo. Foi uma reação inesperada para os dois. Falei: “meu pai?”. Ele disse: “não estou aqui pra ninguém, sai daqui!”. Com 13 anos, fiquei sem entender o que tinha acontecido.

O ocorrido logo foi esquecido com a ingenuidade de Enrique que, no início da adolescência, estava mais preocupado com suas brincadeiras e transformações que estavam por

vir. Nos fins de semana, a maior alegria do menino era ir ao *Wet'n Wild*, que na época, em 1999, era um parque aquático. Foi em um desses dias que a família toda se reuniu para ir ao clube. Os primos de longe, os tios, todos estavam prontos para aproveitar o domingo de sol. Como de costume, Carlos disse que iria ficar em casa. Junto com ele ficou o seu pai, avô de Enrique.

Enquanto esperavam todos voltarem do clube, Carlos e o pai aproveitavam a paz da casa sem o barulho dos meninos correndo e gritando. Foi quando seu pai interrompeu o silêncio para dizer que iria à Igreja e que voltava logo. “Tá bom, meu pai”. Quando ele voltou, se deparou com Carlos de pé e ofegante, segurando duas armas nas mãos e dizendo que iria se matar. Em pânico, pediu para o filho parar.

– Por favor, Carlos, para! Me mate. Atire em mim, mas não faça isso com você, meu filho!

Mas Carlos não ouviu as súplicas do pai e depois de atirar algumas vezes para o alto, alvejou o próprio peito e caiu desfalecido em seu sangue.

Após presenciar a morte do filho, o senhor, desolado, quase não conseguiu reunir forças para avisar a família que Carlos César, aos 39 anos, havia tirado a própria vida. Enrique estava no clube quando recebeu a notícia e, à princípio, não conseguiu entender. “Como assim o meu pai? É impossível. Ele estava bem lá em casa agora há pouco, brincando com todo mundo”.

A volta para casa foi a mais longa que Enrique já fez. Ao mesmo tempo, as coisas aconteciam mais rápido do que ele podia processar. Ele não lembra de muita coisa além do impacto. “Para mim foi um choque. Meu pai sempre foi distante, frio, mesmo morando comigo. Até o dia do suicídio ele era um pouco ausente já, mas eu nunca senti tanto como depois que ele se matou”. Todos ficaram muito abalados. “Meu tio

caçula estava inconsolável. Acho que uma das piores cenas que já vi foi meu avô e meu tio chorando. Levaram muito tempo para se recuperar”.

Quieto, Enrique não questionava muito. Tentava assimilar a dura realidade que caía sobre a sua família, mas não conseguia. Contaram para ele que seu pai estava com depressão. Aos 13 anos, ele não entendia direito o que era depressão. Nem mesmo a família sabia de fato do que se tratava. “Como eu era muito menino, as pessoas escondiam tudo isso de mim. Na verdade, eu não sabia que meu pai estava doente até o dia da morte. Apenas percebia algumas coisas sem sentido que ele dizia”.

Em 1999, os antidepressivos ainda viriam a se popularizar no Brasil. Enrique supõe que o pai já estivesse fazendo tratamento. Lembra ter ouvido uma conversa de que ele teria uma consulta no dia seguinte, na segunda-feira, com um psiquiatra. “No momento, eu só entendi que ele se matou e pra mim foi a maior burrice da vida dele. Meus tios falaram que ele estava doente e eu dizia: Como assim? Ele conversava comigo, brincava comigo, não tinha como estar doente. Era complicado”.

Aos poucos, os sinais de que o pai não estava bem ficavam mais claros para o jovem. “Ele andava armado em tudo que era canto. Era meio psicopata quanto a isso. Talvez por conta da profissão, talvez por conta da doença”. Além disso, Carlos vivia com medo, principalmente depois de afastado do trabalho, quando tomaram a sua arma. Tinha mania de perseguição: se escondia de todo mundo por achar que tinha gente atrás dele, fugia dos colegas do trabalho e até da mulher com quem estava na época.

Organizado e metódico, costumava premeditar a própria ausência. Dizia: “se eu morrer amanhã, faça tal coisa”. Como se estivesse sempre a ponto de abandonar a vida. Um dia antes

de ir embora, chamou Enrique em seu quarto para conversar:

- Escuta, filho. Eu não estarei presente em sua vida por muito tempo. Então, quero que você dê o seu melhor para ser o melhor. Se eu não estiver presente pra sentir orgulho de você, quero que saiba que onde eu estiver, já sinto orgulho pelo que você vai ser. Eu sei que você sempre vai ser uma pessoa de bem.

Atento ao que o pai dizia, Enrique nunca esqueceu aquelas palavras. “Acho que ele já estava planejando”. E foi com elas que ele reuniu forças para dar sustento a si mesmo e à sua família despedaçada. Pouco tempo depois, um infarto levou o avô de Enrique. À essa altura, ele já encarava a morte com certa maturidade. Enquanto o menino guardava a dor que sentia ao máximo, lá no fundo do peito, a sua mãe, Emília, não encarava da mesma maneira. Abalada com a perda do ex marido que ainda amava, a mulher entregou todas as angústias ao álcool.

“Minha mãe soube lidar em parte. Com a morte de meu pai, ela perdeu um pouco o norte e até hoje sofre com isso. Mesmo separados, ele sempre ia lá, dava apoio. Depois, parece que ela perdeu a noção das coisas. Mas ainda assim, não deixou de tentar me dar o melhor, na medida do possível”.

Por conta do desequilíbrio de Emília, cada vez mais entregue ao álcool, os meninos ficavam distantes do carinho familiar. No entanto, os dois puderam contar com a ajuda dos tios, irmãos de Carlos César, que deram apoio financeiro, psicológico e na educação. Mesmo com a participação constante deles, Enrique sempre sentiu uma dor profunda por não ter o pai ao seu lado. “Hoje, com 31 anos, percebo a diferença. Às vezes me pego pensando como seria e aonde eu estaria se tivesse um pai”.

Carlos César era o filho mais velho da família. Autodidata, aprendeu a fazer as coisas cedo e sozinho. Por isso, era

exemplo não só para o filho como para os quatro irmãos que também o seguiam. “Ele ajudou a criar os meus tios e isso influenciou também. Era um exemplo, um espelho. Tanto que a morte dele chocou muito a gente. Porque era a nossa referência”. Enquanto os irmãos estudavam, Carlos era o único que trabalhava e ajudava no sustento da casa. “Admirava muito, apesar da distância dele. Talvez por causa da profissão. Acho que a profissão que ele exercia a 20 ou 30 anos atrás não é a mesma de hoje. A pressão era maior. A sociedade era outra. Não sei, não posso comparar porque não vivi aquele momento”.

Veza ou outra vagueia pela mente de Enrique se não foi o ofício de policial que deixara o pai doente. Ele sabe que por ter virado homem cedo, ao assumir tantas responsabilidades, Carlos acabou ficando mais sério, duro, como um calo no pé que nasce para evitar novas feridas. “Acho que o trabalho dele influenciou a depressão de certo modo. Lembro de umas discussões que ele teve no trabalho, mas não tenho certeza e era muito novo pra colocar com precisão”.

Os temores de Enrique sobre o trabalho do pai não foram suficientes para impedir o seu sonho, nem a promessa que fez ainda pequeno, quando disse que se tornaria policial. “Não tive medo de seguir os passos dele”. Para um menino que cresceu ouvindo que era parecido com o pai, olhava para o homem admirado, ansiando pelo dia em que seria como ele. “Ele sempre foi um espelho para mim. Por mais que tenha sido frio e afastado, era a pessoa que eu admirava pela inteligência”. Dona Emília não cansava de dizer: “Você é a cara de seu pai. O mesmo perfil, o andar, o jeito de se expressar, o pai todo.” Todos comparavam de um jeito que até a assinatura, Enrique procurava fazer igual. “Ainda hoje eu tento e nunca consigo. Pego a identidade dele e fico imitando, tentando fazer exatamente igual na parte do Carlos”.

Talvez, a obstinação do rapaz em ser alguém como o pai viesse da necessidade em suprir o vazio deixado por ele. “Sempre aceitei com naturalidade. Não tive revolta e nenhum problema quanto a isso. O que eu não aceitei muito foi a ausência dele. Demorei um pouco pra assimilar”. Quando precisava de apoio ou um colo para poder deitar e chorar suas dores, Enrique não via ninguém. É que, com o tempo, a sua mãe passou a se afastar cada vez mais. “A ausência de meu pai para mim foi muito mais forte do que se eu tivesse perdido minha mãe. Numa comparação ruim. Porque, apesar de mãe ser mãe e ela ter sido uma guerreira durante a maior parte da vida, nunca tivemos uma convivência muito boa”.

Seguindo o caminho do pai, Enrique cresceu também sem entender de afetos. “Não tive esse amor de pai e mãe. Assim como ele, minha mãe nunca foi de abraçar, beijar, dar carinho. Depois de grande ela tentou fazer e aí não conseguiu mais. Estava tarde”. Focado em um destino desenhado lá na infância, estudou e passou no concurso público para policial. Não demorou para conhecer Michele, a mulher por quem se apaixonou e, pela primeira vez, pôde dividir o amor que estava guardado. Sete anos depois, nasceu Letícia. Desde então, a menina tem transformado as convicções de Enrique sobre o que é ser pai. “Tive uma mãe problemática, alcoólatra, e um pai depressivo. Mas não é por isso que vou seguir o caminho errado. Sou a pessoa que sou hoje, me considero de boa índole, graças a minha natureza”.

Com Michele, Enrique se deparou com um ambiente familiar até então desconhecido. “Minha esposa me questiona por eu não ter aquele apego familiar. Minha família é um pouco separada. Cada um em seu canto. Por isso que digo a ela que nem se compara. Ela teve carinho de mãe e pai e, hoje, tento ser o melhor para minha filha justamente por não ter tido isso”. Em busca de compor suas ausências, ele tenta ser para

Letícia um pai mais afetuoso e presente que o dele. “Um dos meus maiores medos é não ver minha filha crescer”.

Mesmo que um pouco rigoroso, por conta da educação que recebeu e também por medo dos perigos da sociedade, Enrique se esforça para não perder os momentos que fazem parte do crescimento de toda criança. “Ela precisa de mim. Procuo passar tudo o que eu precisei e não tive no seio familiar. Quero que ela tenha estrutura psicológica e sentimental para que amanhã possa falar que teve uma mãe, que teve um pai. Ainda que eu me separe da mãe dela, se isso vier a acontecer, quero que ela tenha o pai como exemplo, como um espelho, como uma pessoa digna”.

Às vezes, sozinho em casa, Enrique precisa de um conselho, um ombro amigo. “Sou uma pessoa que muita gente chama de ‘sem amigos’, sem vida social. Acho que me isolei mesmo. Mas sinto falta de uma pessoa para conversar Tenho minha esposa, mas não alguém para compartilhar coisas de homem, coisas que eu confiaria a meu pai. Tenho tios, mas não é igual. É difícil ser homem e ser pai quando você não tem uma figura para se espelhar”.

Para ele, é duro não pensar no que poderia ter feito para evitar que o pai se matasse. Até onde os familiares sabem, Carlos César não havia tentado antes, e ainda assim, todos evitavam deixá-lo sozinho em casa. O pai de Michele, seu sogro, também é policial e teve depressão há alguns anos. “Acho que a família contribuiu para a recuperação dele, mas é muito mais unida que a minha. Hoje ele está bem e não chegou a tanto. Já meu pai era em uma época diferente. Acho que a família não levou tão a sério e acabou nesse desfecho que foi o suicídio. Queria já ser homem nesse tempo. Quem sabe eu tivesse tomado alguma atitude. Infelizmente, eu era menino e não pude fazer muito. Só recebi a notícia”.

A família guardava armas em casa e, apesar de temer que

Carlos as encontrasse, não pôde evitar que a tragédia acontecesse. “Suspeito que tenha sido premeditado por conta do que ele falou comigo. Mas também imagino que tenha sido uma coisa espontânea da cabeça dele, um surto ou algo do tipo. Nunca vou saber”.

Hoje, Enrique sabe que as mágoas não o deixarão de uma vez. Nem por isso condena o pai pelo abandono. “Não o culpo pela ausência, pela dor que senti. Ele estava doente. Tento encarar dessa maneira”. A raiva deu lugar a um lamento silencioso, mais sereno. “As dificuldades que passei na vida com a ausência de um pai serviram para formar minha opinião, meu caráter. Hoje, dou valor a muita coisa que não sei se daria, se não tivesse passado por essas dificuldades”. Da mesma maneira, a dor de Carlos César deu lugar a uma consciência que se reflete nos sentimentos maduros de Carlos Enrique.

Quando olha para trás, ele prefere lembrar do pai como aquele que o ensinou a caminhar. Que mesmo escudado na própria frieza, fazia o possível para agradar o filho. Das memórias que guarda, ele desengaveta apenas as mais bonitas. De quando recebia a visita de Carlos no fim de semana ou quando, na volta do serviço, lá pela madrugada, ele levava pão com mortadela para casa. “Ele levava toda noite. Pão cacetinho com mortadela. Tão bom que até hoje eu sinto o gosto. Procuro fazer igual, mas não tem como”. Enrique decidiu colocar a tristeza no canto da rotina para ver se, com o tempo, ela é esquecida. Porque, apesar de seguir o caminho do pai, sofrer não vai ser a sua última obra.





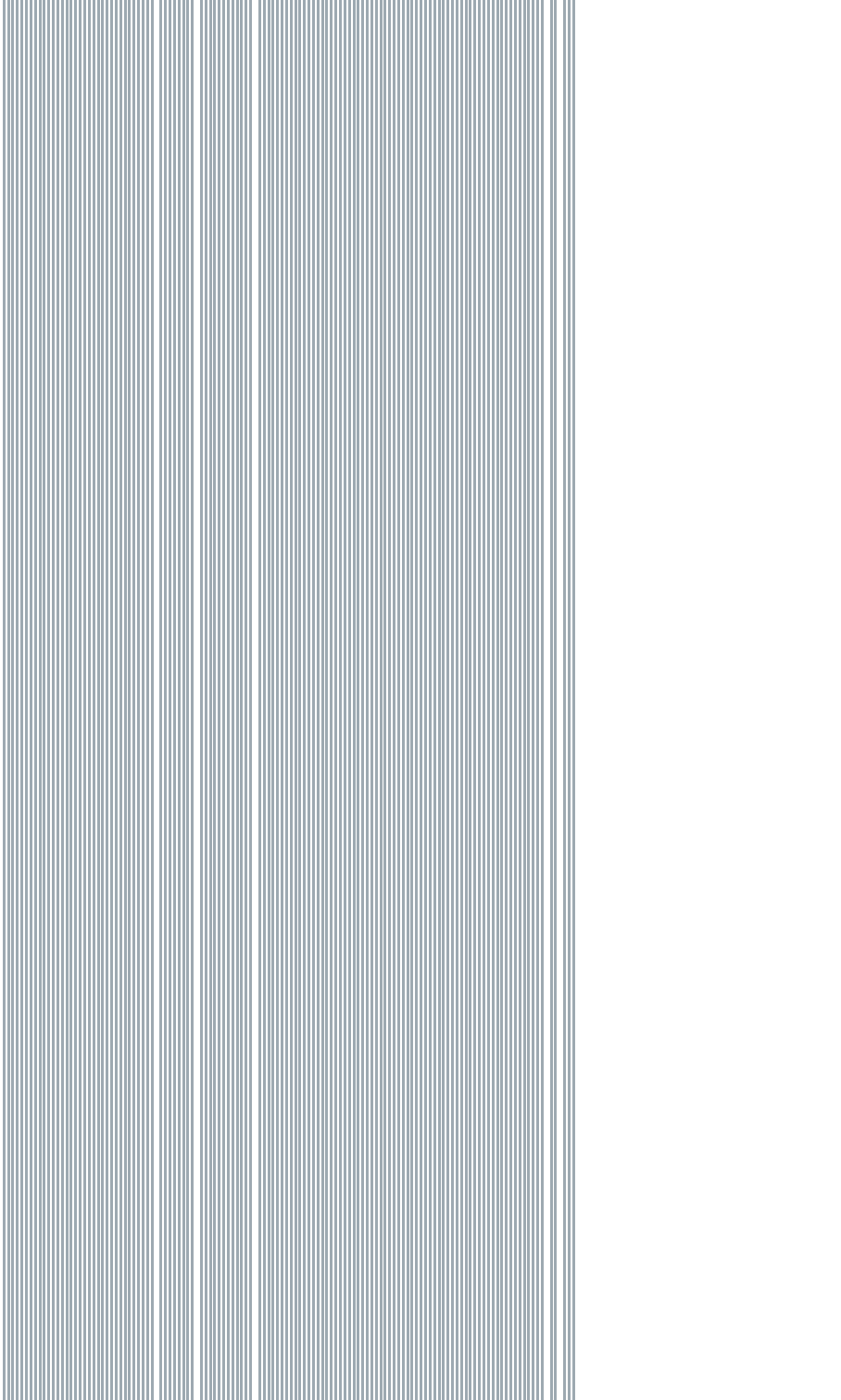
FERRUGEM



**CORDEIR**  
**METAIS**  
**COMPRAMOS**

**COBRE**  
**METAL**  
**ALUMINIO**  
**CHUMBO**  
**BATERIA**  
**INOX**  
**LATINHA**  
**LITRO-GARRAFA**  
**FERRO**  
**PETE**  
**SOPRO**  
**CADEIRA**  
**PAPELÃO**  
**RADIADOR C/COBRE**  
**PLÁSTICO CRISTAL**  
et





Todas as manhãs, Jamile acorda muito cedo. Levanta a porta pesada do galpão e começa o cansativo trabalho que a acompanha por seis dias da semana. Na lista de compras, tem todo tipo de material reciclável: papelão, garrafas pet, cobre, ferro, alumínio, latinhas e outros metais. O ferro-velho é o ganha pão de Jamile Cordeiro, que divide a casa e a reciclagem com seu primo Ícaro Ferreira. Mas ela sabe que não pode dar continuidade a esse trabalho por muito tempo. É um negócio que não pertence a ela.

Mulher negra, periférica e estudante, Jamile carrega uma história de perdas e saudade. A mesma história que costurou seu caminho ao de Ícaro e formou uma família que teve que aprender a ser família para superar a dor do abandono. O ferro-velho do seu pai é a fonte de renda da moça que, aos 30 anos, sonha sair do comércio arriscado para viver como artista. Mas, por enquanto, ela apenas sobrevive nos destroços de dois suicídios.

Quando menina, quase não via o pai e cresceu sob os cuidados da mãe, superprotetora e evangélica. O excesso de proteção e a distância fizeram Jamile criar poucos laços e até ter medo daquele homem bruto e de pouca educação. Ao completar 18 anos, ela começou a trabalhar longe de casa e o percurso tarde da noite preocupava os pais. Então, a pedido do pai, Jamile decidiu viver com ele e trabalhar ao seu lado no ferro-velho. A partir daí, pôde conhecer o homem que viria a se tornar a maior referência para sua vida.

Valdemiro Cordeiro era um comerciante experiente que fez do trabalho o alicerce para melhorar de vida. Para um homem semi-analfabeto que veio de Tanquinho, no interior da Bahia, aos sete anos de idade, ele construiu um pequeno patrimônio com a reciclagem. Antes disso, havia sido fotógrafo e comerciante em outros empreendimentos. Aos 51, era proprietário do ferro-velho e da casa onde viveu a maior parte da vida, no bairro de Bom Juá, na periferia de Salvador, onde ganhou o apelido de ‘Pedra Mil’ ou ‘Pedra 90’.

“Logo ele começou a me ensinar a dirigir. Costumava chamá-lo de *Shrek*, o ogro do filme. Porque tinha aquele jeito rústico, mas era um coração enorme. Não foi só uma ou duas vezes que eu vi pessoas baterem na porta lá em casa pra falar do botijão de gás que acabou, pedir ajuda pra comprar remédio ou levar alguém doente para o hospital. E ele nunca recusou. Acho que quando entrei na vida de meu pai, foi justamente pra botar umas rédeas. Dizer que tem que ser bom, mas com limites, senão, as pessoas vão explorar”.

Jamile e o pai fizeram do ferro-velho um projeto conjunto. Aos poucos, a moça aprendeu a mexer no caixa, a pesar o material e logo estava assumindo as vendas quase com a mesma malandragem que o pai. Entre os metais vendidos, o cobre é o mais caro, então, Valdemiro passou a guardar todo o cobre que comprava em vez de repassar para as empresas

de reciclagem. Quase dois anos depois, havia uma montanha de cobre no fundo do galpão. Valdemiro vendeu tudo e, junto com a filha, comprou uma caminhonete azul que foi registrada no nome de Jamile.

Pela primeira vez, Jamile se conectava com o pai e com uma forma de vida que até então não conhecia. A presença da mãe foi importante para a menina, mas dentro de um recorte conservador e sobrecarregado de disciplina. Quando o pai entrou em sua rotina, foi para mostrar uma possível liberdade que não existia em sua vida. Com ele, ela aprendeu a realizar as coisas de maneira prática e sobretudo, a caminhar por conta própria.

A energia inacabável de Valdemiro, tão popular em seu bairro, trazia a ilusão de que tudo estava bem. Mas não estava. E nem ele sabia disso. Seu otimismo era uma forma de encobrir a instabilidade dos próprios sentimentos e não encarar que, ali, estava um princípio de depressão. Condição que se agravou lentamente até envolver toda a família, mas que nunca o impediu de ser generoso com os outros.

“Encontrei várias cartas nos documentos dele em que as pessoas agradeciam por tudo que ele fazia. Mas, não é o fato de você ser uma pessoa boa e ter um sorriso no rosto que vai determinar que sua mente esteja em paz. O que você vive talvez não passe de uma máscara de auto sabotagem que a gente acaba criando para poder enfrentar essa vida”. Apesar de não medir esforços para ajudar os outros, Valdemiro dedicava todo o tempo para a rotina pesada no trabalho e esquecia de cuidar dele próprio. “A gente pode alimentar uma satisfação, mas como é que está dentro de você? Nem eu mesma sabia como ele estava”.

As coisas pioraram depois que Seu Val conheceu uma mulher que, assim como ele, trabalhava na sucata. O envolvimento com Conceição o levou a deixar o próprio comércio

de lado para se dedicar somente ao dela. E, aos poucos, Jamile foi percebendo que o pai, que nunca havia apresentado uma namorada antes, estava perdendo o controle da própria vida. Cego para os avisos dos outros colegas comerciantes, Seu Val continuou ajudando Conceição, até que os problemas começaram a chegar ao seu negócio. As dívidas de um caminhão quebrado junto com o abandono do comércio afastaram a parceira que, nesse momento, já havia conquistado certa estabilidade com a ajuda dele.

“Ele começou a ficar dentro de casa mais triste, sem força pra descer, ver o comércio. Aquele homem determinado ficava cada dia mais apático, sentado numa poltrona que dei a ele no dia dos pais. Algumas pessoas dizem que é covardia tirar a própria vida. Acho que pra uma pessoa chegar a se suicidar, é justamente quando ela está em um desespero tão grande, em achar que nada aqui fora tem mais solução, que ela não aguenta mais a ponto de acabar com tudo. Eu de fato nunca julguei isso. Se é certo ou errado. É triste.”

Aos poucos, Valdemiro renunciou à própria rotina até passar todo o tempo dentro de casa. As portas do ferro velho fechadas diziam para Jamile que ele não queria enxergar as coisas com outros olhos. E ela buscou todo tipo de ajuda para ter o velho pai de volta. Além do apoio afetivo, procurou junto com ele ajuda médica, psicológica e até espiritual. Os tratamentos e remédios, além de caros, pareciam deixá-lo cada vez mais abatido.

“Partia meu coração ver meu pai tentar levantar da cama e cair com a dosagem tão alta do remédio. Aquele homem de 100kg, grande e forte. Sei que estava disposta a fazer o que tivesse de ser feito para tirá-lo daquela situação. E fizemos tudo que tinha para fazer. Por último, foi o tratamento espiritual. Tudo exigia um dinheiro que não se tinha mais. No final, a gente fica sem entender como em um estalar de



dedos, uma pessoa que construiu a vida com tanto esforço, com tanta dificuldade, deixar tudo isso pra trás”.

Como parte da própria sucata, exposta ao ambiente insalubre, a saúde mental de Valdemiro se deteriorava dia após dia. Mesmo disposto a se curar, dizia à filha para não levá-lo mais ao hospital. “Isso não é coisa de médico”. Reclamava de uma agonia na cabeça que de tão forte dava vontade de sair correndo. Jamile acha que o pai ouvia vozes e por isso, ficava tão atormentado. Mas os remédios não adiantaram, nem a ajuda espiritual.

Passados cerca de quatro meses entre altos e baixos, nenhum tratamento havia trazido melhora para a mente de Valdemiro. Era uma manhã de domingo quando ele acordou cedo, abriu o ferro-velho e brincou com os clientes. “Parecia ele mesmo, aquela pessoa que sempre foi”. Fez tudo o que costumava fazer e disse a Ícaro, que passava os dias lá, que iria visitar a sua irmã. Nessa ida, ele nunca mais voltou para casa.

No mesmo fim de semana, Jamile foi visitar dois irmãos, filhos de Valdemiro com outra mulher, no sertão da Bahia. Quando chegou da viagem, abriu o portão e gritou “pai, cheguei!”, mas apenas Ícaro estava na casa. “Ele saiu onze horas, falou que ia na casa de Tia Maria e ainda não voltou”. Depois de um tempo, ela ligou para o pai, mas ninguém atendeu. Ligou para Tia Maria, que explicou que ele não havia aparecido em sua casa. Aflita, ela perguntou a todos, familiares e conhecidos, mas ninguém sabia onde Seu Val poderia estar.

“Essa busca durou três dias. Hospitais, IML, ruas, bueiros, buracos, esgotos, mato... foi horrível. Quando o tempo vai passando, a esperança também vai. A gente passa a se automedicar para ser forte. Colocando na cabeça que, aconteça o que acontecer, você quer encontrar algo para pelo menos enterrar aquela pessoa”.

Jamile usou tudo que estava em suas mãos. Na quarta-feira, 27 de agosto de 2012, três dias depois que o pai saiu de casa, ela foi para a Praça da Piedade mostrar a foto dele no quadro *Desaparecidos*, da TV Bahia. No final da tarde, um bombeiro ligou para ela e perguntou “Conhece Valdemiro Cordeiro?”

– Sim, moço, é o meu pai. Está desaparecido. Você encontrou ele?

O corpo encontrado pelo bombeiro na área industrial do Cia, no bairro de São Cristóvão, já estava em estado de putrefação, de modo que quase não foi possível ser identificado. Junto com os documentos de Valdemiro Cordeiro, estavam uma latinha de coca-cola e um pote de veneno para rato.

“O que se sabe é que naquele corpo não tinha bala, nem facada, apenas que apodreceu muito rápido. Em três dias virou lama. Naquele momento, a única escolha que eu tinha era cuidar da situação, além de tudo o que já tinha feito depois de meses e meses de tratamento da doença. Não desejo isso pra ninguém, porque é horrível. Quando a gente encontrou, acho que ali, naquele momento, foi até um mérito. Foi tudo muito rápido. Fomos lá, identificamos o corpo, ele foi para o IML fazer os exames. Todo mundo aguardando a hora do enterro. Tinha tanta gente da nossa rua. E você diz: ‘meu deus, e agora?’”

Na procura de algo em que pudesse se apoiar, Jamile sentia apenas o cansaço acompanhar seu luto. Cansaço por ver a família desestabilizada e, mesmo depois de tanto esforço, não ter algum retorno. Depois do suicídio, ela passou a querer viver a vida de uma forma mais intensa para fugir do que estava sentindo. Comprava garrafas de whisky e estava sempre bebendo dentro de casa. Depois, começou a fumar.

Imersa em sua condição, ela repensava as próprias filosofias a ponto de questionar se não poderia fazer o mesmo que seu pai. Não como um plano e, sim, como algo que passava

pela sua mente em momentos de desespero. A melancolia da rotina forçava Jamile a continuar, mesmo sem poder esconder suas fragilidades, mesmo cansada.

“Acho que a gente vê as figuras desses teóricos e filósofos que falam tanto da amargura, da dor, do que é essa vida, do que é o céu e o inferno, o aqui e o agora, que vivi um tempo abusando disso. Eu colocava garrafas de whisky e Campari no carrinho do supermercado. Buscava me libertar, dizer que era dona da minha vida. Meu pai tinha morrido e era só eu agora. Vivi um pouco assim e minha tia, como mulher empoderada, sempre pé no chão, tentou conversar comigo.”

Ao lado da sobrinha desde quando ela era um bebê, a mãe de Ícaro, Josineide Ferreira, foi quem mais a ajudou a passar pela dor da perda e seguir em frente. Bem resolvida, a técnica de enfermagem era mais presente na vida de Jamile do que a mãe, sua irmã. Talvez porque desde pequena, Jamile visse na tia um modelo de empoderamento e confiança que quisesse seguir e, por isso, ouvia atenta os ensinamentos da mulher.

Josineide conquistou a independência cedo e morava com Ícaro, seu único filho, em um apartamento em São Rafael. O conhecimento que tinha acerca do espiritismo confortou Jamile após o suicídio de seu pai. A cada mês que passava, era ela quem lembrava de acender uma vela para Seu Val, de quem era tão próxima, e dizer a Jamile, “tá tudo bem, estou aqui. Pode contar comigo”.

Diante disso, Jamile não poderia imaginar que exatos oito meses depois da morte de seu pai, sua tia materna tomaria 20 frascos do mesmo veneno em uma escadaria escondida no Pelourinho, no Centro histórico de Salvador. Jamile também não podia imaginar o quanto a morte de Valdemiro havia abalado a tia. “Mas se aquilo envolve quem você ama, afeta todo mundo que está ao redor”.

Diferente do pai doente, Jamile não teve tempo de buscar

ajuda para Josineide. A velocidade com que tudo aconteceu fez a moça se sentir ainda mais impotente e sem saber como contar a Ícaro, com apenas 15 anos, que sua mãe havia tirado a própria vida. Ela lembra que na última semana, a tia começou a dizer que não estava bem, que se sentia melancólica e que havia chorado muito naqueles dias.

“Acho que já foi uma coisa incomum para uma mulher como ela. Quando ela me falou isso, também pediu para que a levasse em um centro espírita para fazer uma limpeza. Disse que ouvia umas vozes. Fui e depois a levei em casa. Estava chovendo muito e ela fez questão de no caminho pedir para que eu dormisse lá. Era uma mulher que praticamente implorava sua solidude, mas nesse dia, senti que ela realmente queria que eu ficasse. Então, acabei dormindo lá”.

No dia seguinte, uma quinta-feira, Josineide se levantou, fez chá de capim santo para Jamile e disse: “vai ficar tudo bem, Mile, independente do que aconteceu com seu pai. Você sabe que esse apartamento também é seu, não é?”. Então, ela confessou que havia feito uma carta se despedindo da vida, mas rasgou logo porque não podia alimentar esses sentimentos ruins.

As duas conversaram por algum tempo e Josineide convenceu Jamile a não se preocupar com ela, disse que sabia o que fazer para ver a vida de uma outra forma e prometeu ficar bem. Durante a noite, a moça foi à casa da tia de novo. Levou acarajé, deu chocolates para Ícaro, e, pela segunda vez, Josineide pediu que ela dormisse lá. Como estava acompanhada do namorado, Jamile não podia ficar e foi embora.

Na manhã de sábado, 27 de abril de 2013, Josineide acordou muito cedo. Ainda era madrugada quando deixou Ícaro dormindo e, muito bem arrumada, foi para uma praça no Centro Histórico da cidade, deserta por causa da hora, se escondeu debaixo de uma escadaria e bebeu o veneno. No

bolso da roupa havia um bilhete que dizia: “Mile, cuide de Ícaro”, junto com o seu telefone.

Por volta de meio dia, Jamile recebeu a ligação. Quando a polícia chegou, ela ainda estava agonizando, mas por causa quantidade tão grande do veneno, acabou falecendo na mesma hora. Jamile mal podia acreditar no que ouvia. Como aquela pessoa que sempre puxava a sobrinha para a realidade nos momentos de desespero não estava conseguindo suportar as próprias cargas emocionais?

Sozinha mais uma vez, Jamile sentiu não apenas o peso do luto, mas também da responsabilidade por ter de cuidar de Ícaro. As palavras da tia se fizeram presentes em sua mente e é o que a tem mantido de pé até hoje, como um combustível. O menino que havia acabado de completar 15 anos estava tão só quanto ela e só eles poderiam dividir aquela dor.

Além do bilhete em seu bolso, Josineide deixou uma pequena carta em seu apartamento junto com mil reais dentro da bolsa para as despesas do funeral. Destinada a Ícaro, a carta dizia assim:

*Ícaro, me perdoe, mas eu fiz a escolha certa. Continue seus estudos, se dedique, continue sendo essa pessoa única. Mas eu não suportava mais.*

O restante da carta afirmava ainda mais o desejo de Josineide em acabar com a própria vida. Tanto a convicção como a forma em que ela planejou o suicídio deixaram em Jamile a certeza de que o que se vê de uma pessoa, até mesmo quando se convive bastante com ela, nem sempre reflete o que se passa em seu interior.

No mesmo mês do suicídio, no dia 5 de abril, data do aniversário de 42 anos da tia, Jamile jamais suspeitaria que aquela mulher sorridente comendo pizza e distribuindo fa-

tias de bolo sequer cogitasse dar fim à própria existência. “Estava aparentemente tudo tão bem”.

“Às vezes, a gente só vê a pontinha do iceberg onde tem muito mais profundidade. Na mente do ser humano, a linha da loucura e da lucidez, dessa “normalidade” que é imposta, é muito tênue. Acho que ninguém está livre. Não quer dizer que em algum momento, diante das dificuldades, a gente não possa olhar para o lado mais escuro, mas vai depender da escolha de cada um. É preciso ter cuidado porque isso não é algo que está livre de nos acontecer”.

Com a ajuda de Ícaro na sucata, os dois vêm tentando se reerguer juntos. Jamile terminou o bacharelado interdisciplinar em arte, na Universidade Federal da Bahia, e agora, tudo o que deseja é tirar o título de mulher forte que lhe foi dado. Ela afirma sua força, mas também sabe o quanto precisa de alguém que tire o peso que caiu sobre os seus ombros. “Não quero esse verbo que representa meu pai. O fazer. Tudo o que eu quero é viver minha vida. Essa rotina de acordar e ter que estar no lugar de responsável por um lar, de cuidar das despesas e de um adolescente. Me sinto cansada também”.

Por outro lado, as experiências dolorosas que forçaram a jovem a amadurecer e assumir um posto que não era seu, trouxeram uma nova consciência de si mesma e do que está à sua volta. Ela sabe que se o pai e a tia estivessem vivos, tudo seria diferente. Mas não estão. Cabe a ela lidar com a própria realidade e com as desventuras que fazem parte do seu caminho.

“A gente vê as peças do quebra cabeça se encaixando. Talvez se minha tia não tivesse deixado Ícaro, eu naquela onda de fuga, de álcool e vivenciar minhas emoções, pudesse me perder. Não estou dizendo que essa é a única saída. Foi uma investida do universo. Acho que eu sou feliz pelo aqui e agora. Felicidade é uma coisa muito subjetiva e sou feliz pelo que tudo isso me fez”.

Junto com a terapia há cerca de três anos, a arte se fez a melhor amiga de Jamile. Ela, que já fazia teatro como *hobby* com o incentivo do pai, desenvolveu as habilidades na universidade. Seu sonho é poder um dia se dedicar integralmente ao trabalho de atriz, mas o ferro-velho é o sustento dos dois órfãos, assim como a pensão que Ícaro recebe e ajuda a pagar as contas.

“Acho que a arte é quando eu consigo ser realmente. É quando empresto meu corpo para viver o que for preciso viver naquele momento. Algo maior. Por que o que há dessa vida além da impermanência? Eu só quero ser eu mesma e agregar isso à minha viagem de autoconhecimento”.

Apesar das dificuldades, os dois caminham sem a obrigação de maquiagem a vida. Em uma sociedade onde não se pode dizer que está triste, Jamile clama pelo direito de viver sua tristeza, quando ela tiver de ser vivida. Sabe que carrega um passado corroído pelo tempo, mas que faz parte de sua história. As marcas desse passado estão presentes na sua casa, no seu ganha-pão e na velha caminhonete azul de que ela não abre mão.

“Se hoje eu sigo em frente, foi pelo embasamento que meu pai me deu, pelo que minha tia representou para mim. Apenas não posso ter essas pessoas como referência durante o ciclo final da vida delas. Acho que não olho tanto para trás e nem olho para frente. É estranho, mas olho o aqui e o agora. E o que é essa vida, ou o que vem depois, são questões subjetivas demais para guiar a gente”.

Hoje, passando pela região de Bom Juá, basta perguntar em alguma vendinha onde fica o ferro-velho de Pedra Mil. Todo mundo sabe. Andando pela rua de terra batida, logo se vê a casa lilás na esquina. Ali, Jamile construiu um lar ao lado de Ícaro.

Todos os dias pela manhã, ela desce as escadas da casa

e abre o galpão, no térreo. Alimenta Gaya e Apolo, os dois pastores alemães que fazem a segurança do comércio, e se prepara para mais um dia de trabalho. Ícaro tira a caminhonete da garagem e sai para fazer algumas entregas. O desejo de sair daquele lugar fala alto dentro dela. Mas enquanto não houver a possibilidade de um trabalho que a agrade, ela vai assumir as rédeas do negócio com sorriso no rosto. “É preciso caminhar para sobreviver e, a princípio, essa é a alternativa que eu tenho”.

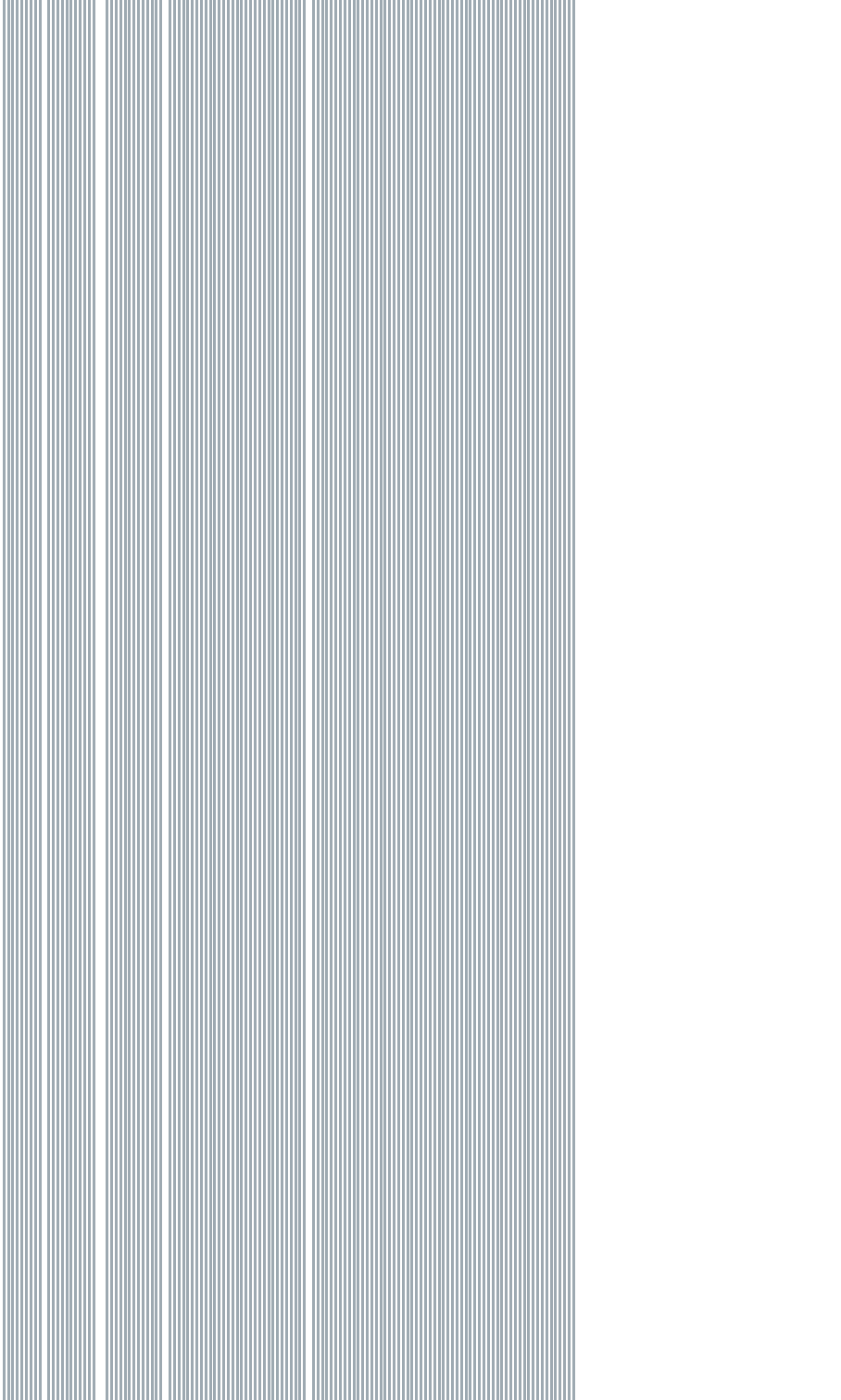




POEIRA







Essa é uma história que começa longe. Na cidade de Madrid, na Espanha. Lá morava Dionei Barreto, um *chef* de cozinha brasileiro que, depois de tanto tempo, já nem pensava em voltar para o país de origem. Foi lá também que ele conheceu Daniella Bezerra, uma jovem engenheira que havia acabado de se mudar a trabalho. A jovem vinha da Bahia, mais precisamente de Porto Seguro, local de chegada dos portugueses no país em 1500. Dionei, mais conhecido como Júnior, se encantou pela moça no momento em que a viu e, desde então, não se desgrudaram mais. Não demorou para que se casassem e Daniella ficasse grávida. Juntos, voltaram ao Brasil para que Júnior conhecesse a família da moça e eles, a filhinha que estava para nascer.

A família de Júnior não era muito unida. O rapaz tinha problemas com os pais e depois que saiu do sul do país para morar na Espanha, perderam quase todo o contato. Quando voltou para o Brasil, nove anos depois, com esposa e uma criança prestes a nascer, Júnior descobriu um novo conceito

de família. Se apegou rápido aos parentes de Daniella e logo se tornou parte daquele grupo. Tratava a mãe de Daniella, Dona Maria Cléa, como se fosse a própria mãe e via naquelas pessoas um companheirismo que nunca teve.

Rafaella Rios ainda era uma menina quando viu sua tia Dani chegar com um barrigão e aquele homem de sotaque estranho. Lá pelos oito anos de idade, sua maior alegria era esperar a chegada da priminha. Quando ela chegou, a casa inteira era festa. A batizaram de Estefanía, o nome de uma princesa espanhola. Para Rafaella, nessa época, tudo parecia estar em seu devido lugar. “Minha família é formada basicamente por comerciantes e ele virou sócio de minha avó por um tempo, então, a relação era muito mais do que apenas marido da minha tia. Ele se apegou muito a gente e não tinha ninguém além de nós”.

As coisas iam bem para a família Bezerra. Os negócios estavam firmes, as crianças cresciam saudáveis e os adultos se divertiam nos fins de semana. Só havia uma exceção. Apesar de sempre muito apaixonado pela esposa, o casamento de Júnior estava se desgastando. O ciúme excessivo era um problema para Daniella e nenhum dos dois conseguia lidar com isso. Fani, como gostavam de chamar a menina, estava com cinco anos quando Daniella, numa noite de domingo, disse a Júnior que queria se separar. Antevendo a reação do marido, adiantou que nada mudaria a sua decisão. “O casamento já estava horrível. Segundo ela, tinha vários motivos. Era um casamento de certa forma abusivo para ela, mas eu não sei dos detalhes”.

Transtornado com a notícia da esposa, Júnior fez um escândalo. Gritou, chorou e, no ápice do desespero, soltou: “Se você for embora, eu me mato”. Daniella já estava saturada com aquele tipo de relação. Diferente das vezes em que voltou atrás, tentou consolar o marido, arrumou suas coisas, pegou

Estefanía e foi para a casa da mãe. “O próprio fato de, quando ela estava saindo de casa, ele ameaçar se matar, é uma coisa que diz muito sobre o relacionamento”. De início, parecia mais uma ameaça exasperada do que uma intenção real. “Ninguém acreditava que ele ia realmente se matar. Até onde sei, ele não tinha doença nenhuma. Não tinha depressão”. O desequilíbrio de Júnior estava na sua ansiedade. Era hiperativo. Não parava quieto. “O tempo todo procurando algo, andando de um lado para outro. Às vezes, ele perdia a noite quando estava prestes a acontecer alguma coisa. Ficava acordado e acordava minha tia para poder conversar. Beirava o desequilíbrio, mas não parecia algo que levaria a pessoa a se matar. A gente nunca imagina. Sempre se espera que essas pessoas tenham algum problema, mas ele não aparentava ter problemas”.

Júnior não conseguia imaginar a vida longe de Daniella e da filha. Estava sempre demonstrando seu carinho pela pequena Fani e gastavam muito tempo juntos. Os dias passavam e eles conversavam. Daniella não queria privá-lo de ver a menina e nem mesmo a sua família. Ele ligava, dizia que estava com saudades e ela o confortava. “A gente nunca se recusou a nada. Estavam sempre ali, dispostos a continuar uma relação boa. A ideia era que ele pudesse ver sempre a filha. Não teve nenhum impedimento porque ele era um bom pai”. Rafaella, já com 13 anos, ficava do lado da tia, como sempre, e a considerava sua melhor amiga. “Morava com minha avó na época. Ficava eu, minha vó, Tia Dani e Fani, todas juntas, e ele ficou sozinho. A casa era muito grande. Ele deve ter se sentido muito só”.

Nessa semana em que ficou só, Júnior se sentia cada vez pior. Ansioso e agitado, Júnior começou a beber. Se viu preso ao ócio e como saída daquele ambiente perturbador, bebia cada vez mais na tentativa de afastar o isolamento. O auge de sua condição se instalou no sábado quando ele extravasou completamente. Além de beber, ele usou outros tipos de

droga, principalmente cocaína. O relógio indicava quatro horas da manhã quando ele ligou para várias pessoas da família. Chorava muito e pediu que todos fossem tomar café da manhã com ele quando o dia clareasse. “Era só o casamento que tinha realmente acabado. Ele pediu pra tomar café da manhã com ele e a gente aceitou. Ninguém tinha nada contra ele”. Antes de desligar, ele destacou mais uma vez. “Tragam Fani”.

Domingo de manhã, partiram todos para o café. Daniella, Dona Maria Cléa, Estefanía, Rafaella e até o seu pai que não morava com a menina. O carro parou na frente da casa e estranharam que a porta da garagem estava aberta. Quando passaram pela entrada dos veículos, viram Júnior pendurado. O homem havia se enforcado com um banquinho e uma corda azul presa no teto. O pai de Rafaella correu desesperado e tentou levantar o corpo pesado e sem vida. Todos estáticos com o choque enquanto Fani quebrava o silêncio gritando. “Papai tá no orelhão. Porque meu pai tá no orelhão?”. Os orelhões de Porto Seguro são azuis, assim como a corda que envolvia o pescoço de Júnior. Rafaella não sabia o que fazer. Ficou parada observando o pai tirar a corda e chamar a ambulância. Tiraram a filha de perto enquanto ela ainda repetia, em meio ao choro, as perguntas não respondidas.

Júnior não deixou carta nem outro tipo de recado. Na família ficou a dúvida se as coisas aconteceram no momento de desespero ou se ele já vinha planejando em detalhes. Não tinha como saber se, às quatro horas da manhã ou até mesmo antes, ele já pretendia tirar a própria vida. “Acho que foi uma coisa do momento, pela raiva. Se fosse em outra condição, ele não teria feito, mesmo depois de ter ameaçado”. Apesar da pouca proximidade afetiva que tinha com o tio, Rafaella chorou muito. “Fiquei muito afetada. Na minha família, não tinha lidado com a morte ainda. Foi a primeira vez. Não sei o que aconteceu comigo porque me deram água



com açúcar e eu chorei de soluçar por duas horas seguidas. Fiquei muito mal. Pensava em minha tia e em Fani”.

A menina também não parava de pensar no que poderia ter feito para evitar que Júnior se matasse. Imaginou que se a família não atrasasse tanto e chegasse na casa minutos antes, nada teria acontecido. Haviam combinado de chegar às oito horas. “Para cinco pessoas saírem cedo para tomar café, no domingo de manhã, tem todo um trabalho. Ainda mais com criança. A gente chegou lá às 8h40. Então, essa coisa da espera, de pensar que a gente não ia. Ele, drogado. Não tenho dúvidas de que, se ele não estivesse drogado, não teria chegado a fazer. Acho que já estava com essa ideia na cabeça, mas se não estivesse fora de si, não teria concretizado”. Quando chegaram lá e viram a terrível imagem dele erguido por uma corda, todos chegaram à conclusão de que tinha sido muito recente. “Tinha pouquíssimo tempo. Não sei exatamente como se olha isso. As características do corpo. Mas, se a gente chegasse cinco minutos antes, talvez ele não tivesse morrido”.

A dor despencou sobre aquela família. Se o fato havia deixado todos abalados, para Daniella estava sendo muito pior. Por conta da culpa, do processo de divórcio e da ausência do único homem que amou, ela desabou. Se sentia tão mal que começou a ficar cada vez mais depressiva. Foi essa razão que levou a jovem viúva a procurar o espiritismo em busca de algum conforto. “Eu tinha uma relação muito forte com ela e com Fani. Lá tem um centro espírita e ela começou a frequentar e seguir a doutrina. Conversava muito comigo sobre suicídio e falava que foi isso que a fez se sentir menos culpada. Acho que foi como uma fuga, porque, para ela, era culpa dela”. Daniella começou a estudar e enxergar outras razões. “Ela encontrou várias respostas, percebeu que não era culpada e estava se recuperando. Entendendo o processo. Quando uma pessoa se suicida, de acordo com o espí-

ritismo, ela tem várias punições. O espírito fica preso aqui um tempo. Ela entendia que muita coisa que atrapalhava a vida dela era por causa disso. Não propositalmente, como se fosse um espírito ruim, mas porque a pessoa acaba afetando a vida dos que continuam aqui”.

Ainda muito nova, Estefanía não compreendia por inteiro o que tinha acabado de acontecer com seu pai. Todos ficaram com receio de contar para a criança. “Como explicar para uma menina de cinco anos que o pai escolheu morrer. E que fez isso sozinho?”. Daniella levou um tempo para contar. Ela o fez aos poucos. Primeiro disse que tinha acontecido um acidente e que ele foi para o céu. “Acho que demorou dois anos para realmente contar. Ela era realmente muito novinha. Um dia, as duas estavam caminhando na praia e ela contou que foi uma escolha dele, que ele não estava feliz aqui e decidiu ir para o céu. De uma forma bem didática. E ela compreendeu. Era como se já soubesse de alguma forma”. Depois disso, é muito raro que a menina pergunte sobre o acontecido. Hoje, com 14 anos, ela fala sobre o pai, mas não sobre a morte. Conversa com as pessoas como se Júnior ainda estivesse vivo. “Tem lembranças muito fortes do pai dela”.

Sem a presença do pai, a quem era tão apegada, Fani cresceu cada vez mais ligada a mãe. Tão ligada que isso se tornou um problema. Daniella era engenheira civil, dedicava muito tempo ao trabalho e tinha que fazer muitas viagens. Com tantas coisas para fazer, acabou faltando tempo para a filha. “Ela sempre cobrou muito a atenção da mãe. Depois de uns 5 anos, Fani estava com 10 e minha tia começou a namorar. Ela odiou muito isso. Se tornou uma criança rebelde”. Certa vez, por desobediência, ela pegou feijão quente e jogou na babá que cuidava dela. Outra, jogou a televisão no chão. Ela frequentava o psicólogo e a mãe tentava ao máximo ser mais presente. Mas era difícil para as duas.

Ao mesmo tempo, a relação entre Rafaella e a tia se estreitava cada vez mais. Por crescer longe dos pais, Daniella foi uma referência de figura materna para a menina, além de melhor amiga, ainda mais que a avó, Dona Maria. Quando completou 14 anos, Rafaella começou a trabalhar com ela, ajudando no escritório. “Como sempre morei com minha avó e tenho muito pouco contato com meus pais, ela foi a tia que me ajudou. Minha avó me sustentava, pagava minha escola e me dava comida. Mas, estava ficando adolescente e queria dinheiro pra ir ao shopping com meus amigos, para lazer mesmo. Ela me compreendia muito. Toda vez que eu tinha um problema, ia para a casa dela, chorava com ela e conversava”.

Como se tivessem enfrentado uma demolição no próprio lar, as quatro mulheres tentavam se reerguer nos escombros causados pelo suicídio de Júnior. Aos poucos, sentiam o ar denso se dissipar e as coisas começarem a se ajustar. Fani estava se adaptando à rotina da mãe, Daniella ia cada dia melhor no trabalho e Rafaella tinha se mudado para Belo Horizonte para estudar. Mais uma vez, para a menina, cada coisa estava pronta para voltar ao seu devido lugar. Por isso, foi violento o trauma que lhe atingiu com a notícia de que sua tia havia sofrido um acidente de trânsito e não resistiu à tragédia.

Daniella viajava a trabalho com mais duas pessoas, seu sócio e o motorista. Tinham de ir para Itamaraju, município próximo de Porto Seguro, cerca de 155 km. A data era 28 de novembro de 2013. Chovia muito. O carro estava em alta velocidade quando capotou, caiu em uma poça de lama e os três morreram afogados, presos no veículo virado. “A causa da morte é afogamento. Não foi o impacto. Se não fosse essa poça de lama, ninguém teria morrido”.

Quando recebeu a notícia, Rafaella pegou o primeiro avião para Porto Seguro e foi ficar com Fani. O acidente abalou a

todos. Junto com a tristeza que caía sobre a família, estava o sentimento de pena pela pequena órfã. “De primeira, foi até uma surpresa pra gente porque ela lidou muito bem com a morte da mãe”. Antes do velório, ligaram para a psicóloga que a menina frequentava, contaram o que aconteceu e perguntaram se ela podia ir. A psicóloga disse que apenas Fani poderia decidir. “Ela tem capacidade de responder isso. Vocês vão contar e ela vai escolher se quer ver a mãe pela última vez ou não”. Deram a Rafaella a missão de contar para a prima. Antes mesmo de Rafaella chegar, quando disseram à menina que ela teria de ficar na casa da amiga porque a mãe havia sofrido um acidente, ela disse: “Minha mãe morreu, não foi?”. Os tios desconversaram e ela concordou em ficar com a amiga. Rafaella chegou e foi conversar com a menina.

- Fani, é o seguinte, sua mãe sofreu um acidente de carro e não conseguiu resistir. Ela morreu. Agora é o momento em que a gente está fazendo um velório para ela. É uma despedida, com muito carinho. Acho que vai ser bom você ir e se despedir de sua mãe. Você só vai se quiser. Você quer ir?

Com o rosto cheio de lágrimas, a menina disse:

- Eu não vou, não.

- Você tem certeza? Quer ir só um pouquinho e a gente volta antes?

- Não. Tenho muitas lembranças boas da minha mãe para ver ela morta em um caixão. Prefiro ficar com as lembranças que eu tenho.

Espantada com a sensatez da prima, Rafaella avisou que iria para se despedir da tia e a deixou com a amiga. “Ela era uma criança. Tinha 10 anos. Se fosse eu, estaria gritando. Já tinha perdido o pai. Mas ela estava quietinha com as lágrimas descendo o rosto”. De vez em quando, Fani chorava por um tempo, depois parava. “Não caiu a ficha completamente”, diziam. Mas ela, de fato, foi madura e conseguiu lidar

com a sucessão de desastres que lhe aconteciam. Quando chegou a missa do sétimo dia, Rafaella e a tia pediram que ela fosse. Ela aceitou, mas com uma condição. Se as pessoas fossem abraçá-la ou falassem demais, ela ia querer ir embora. Na cerimônia, chorou enquanto o padre falava e, em determinado momento, virou para a prima e disse baixinho: “minha mãe não era católica, era espírita. Não devia ter uma missa do sétimo dia. E ela queria ser cremada, você sabe disso?”. Rafaella sabia e até disse aos que prepararam o funeral, mas não foi ouvida. Quando a missa acabou, parentes e amigos foram consolá-la. Na terceira pessoa que se aproximou, ela pediu para ir embora. Entraram no carro e foram para casa. Até então, Fani enfrentava corajosamente a perda da mãe.

Para Rafaella foi muito difícil suportar o vazio deixado pela tia. Estava confusa e sem forças para fazer qualquer coisa. Sentia como se tivesse perdido uma mãe e não parava de pensar na estranha visita que recebeu durante o velório. Na ocasião, apareceu uma senhora que ninguém da família conhecia, procurou Dona Maria Cléa e Janaína, irmã de Daniella, e se apresentou. “Ela disse: sou do centro espírita daqui e não conheço vocês. Mas sonhei essa noite que precisava vir dizer algumas coisas”. As mulheres ficaram assustadas, mas a senhora as tranquilizou e falou que o fato de Júnior ter se matado afetou tudo o que aconteceu na família, trazendo problemas até para os pais de Rafaella. “Um exemplo é o meu pai. Antes disso acontecer, ele já era problemático psicologicamente, mas não chegava ao fundo do poço como está hoje. Ele é alcoólatra e anda pelas ruas da minha cidade como mendigo. A gente já colocou ele numa clínica de reabilitação, já fez várias coisas, mas ele nega ajuda e volta a beber. Era uma pessoa muito próxima do meu tio”.

A mulher desconhecida disse que todos os problemas

aconteceram porque Júnior ainda estava com eles, inclusive o acidente com Daniella. “Falou que a gente não deveria desejar o mal para ele, mas rezar o máximo possível para que ele conseguisse ir em paz e parasse, de alguma forma, de atrapalhar as nossas vidas. Não sei se acredito nisso. Acho que não, na verdade. Mas é uma coisa sinistra, ela aparecer e falar essas coisas do nada”. Antes de ir embora, a senhora disse a Janaína que ela deveria tomar conta de Fani e por causa disso, ela virou a tutora da criança. Não a avó, como seria até então.

Mesmo um pouco cética, Rafaella começou a frequentar o centro espírita por um tempo em busca de algo que a confortasse e também por conta da influência que tinha da tia. “Não sigo nenhuma religião, mas também não nego. Quando ela morreu, fiquei muito abalada com isso. Mas, ainda assim, não sou ligada a nada”. A medida que o tempo passava, a jovem passou a entender cada vez melhor os processos da própria vida. A raiva inicial que sentiu de Júnior por ter cometido suicídio na frente da família ficou cada vez menor. “Na época, eu também era criança e tinha muito amor pela minha prima. Para mim, foi absurdo o fato dele ter chamado as pessoas para poder assistir. Parecia muito proposital. A única coisa que eu pensava era que ele podia ter simulado um acidente ou pelo menos não se enforcasse na frente da filha”.

A frustração, aos poucos, deu lugar a uma outra compreensão do que se passava em sua mente e, hoje, ela vê o acontecimento com maturidade e tranquilidade. “Fui entendendo que ele tinha problemas. Penso que a gente poderia ter ajudado mais ou, talvez, não poderia. Não o culpo, mas também não acho uma coisa digna. É muito forte você ter um filho, criar uma vida, construir essa vida e fazer isso. O ressentimento maior é por causa de Fani mesmo. E todo o contexto em que aconteceu. Posso estar sendo bem injus-

ta também. Porque hoje, acho que não foi a intenção dele mostrar para a família”.

O impacto da morte de Júnior permanece na família e toca a vida de Rafaella de várias maneiras. Com apenas 13 anos, a menina já se dizia atéia com convicção. “Depois que ele morreu, foi um choque muito grande. Minha tia começou a frequentar o centro e influenciava muito a minha vida. Essa foi uma mudança drástica para mim. Foi quando comecei a pensar sobre religião e deixei de ser completamente cética. Acredito em certas coisas, mas não faço disso uma pauta para minha vida, por opção mesmo”. Por ser a sua primeira experiência com a morte, ela passou a ver as coisas de uma outra forma. “Aprendi a esperar mais e ter a consciência de que, a qualquer momento, as pessoas podem morrer. As pessoas se matam mesmo que tudo pareça estar bem. Depois de meu tio, passei a me preocupar mais com as pessoas. Procurar saber se estão bem de verdade, ver o que precisam e tentar observar alguns sinais que ninguém repara”.

A preocupação com Fani continua ainda hoje. Mesmo morando em Salvador, Rafaella tenta manter o máximo de contato com a prima. Para Fani ainda é difícil suportar a ausência deixada pelos pais. A morte prematura dos dois trouxe consequências que o carinho do restante da família não foi capaz de suprir. “Vejo várias coisas nela que tem origem nisso. Uma das características é o fato dela lidar com a morte tão bem. Desde a primeira experiência com o pai, que foi muito traumática, ela lida de uma forma espetacular. Aprendeu que a vida é mais frágil do que a gente imagina”. No entanto, apesar de madura e independente para a idade, a menina vive ao sabor da própria vontade e ignora os conselhos da tia e dos outros familiares. “O fato de ter perdido os pais fez dela uma criança muito autônoma e mesmo tendo pessoas cuidando dela, ela acha que

pode decidir tudo o que faz e isso é muito perigoso”. Fani não obedece sua tia, responsável por ela, e as duas vivem brigando. Quando seus caprichos não são atendidos, ela se revolta contra a família.

- Recebo uma pensão de 3 mil reais por mês porque minha mãe morreu. Posso comprar com o meu dinheiro. Esse dinheiro não é seu.

- Mas não é assim, Fani. Você sabe que sou responsável por você.

- Tá. Então eu vou fugir de casa

- Você não vai fugir de casa!

Todos já se acostumaram com as incontáveis vezes em que a garota fugiu de casa. “Tem que passar o dia inteiro procurando ela”. Fani não vai para muito longe. Corre para o outro bairro e fica andando pela orla até ser achada. “É uma cidade pequena. Ela faz pra chamar atenção. O problema é que ela pensa que ninguém está por ela e tem apenas 14 anos. Tenho muito medo de como ela vai ficar no futuro”. Toda vez que vê a prima se comportar dessa forma, Rafaella sente a mágoa latejar no peito. “Não tem como Júnior imaginar que isso não iria acontecer”.

Além da dor que permanece, Rafaella não culpa mais o tio. “Foi muito ruim para mim ter passado por essa experiência. Foi a primeira com suicídio e a primeira com a morte. Definiu tudo que eu penso sobre isso pelo resto de minha vida. É claro que vai se modificando. No início eu julgava e depois, deixei de julgar. Mas algumas coisas não mudam”. As consequências ficam suspensas no ar e, lentamente, com o passar dos anos, se depositam sobre os que ficaram até deixarem de ser percebidas. “Às vezes a pessoa não aguenta mesmo. Não culpo quem se mata por deixar a família mal. Apesar de tudo, as pessoas superam a morte de alguém. A vida continua”.

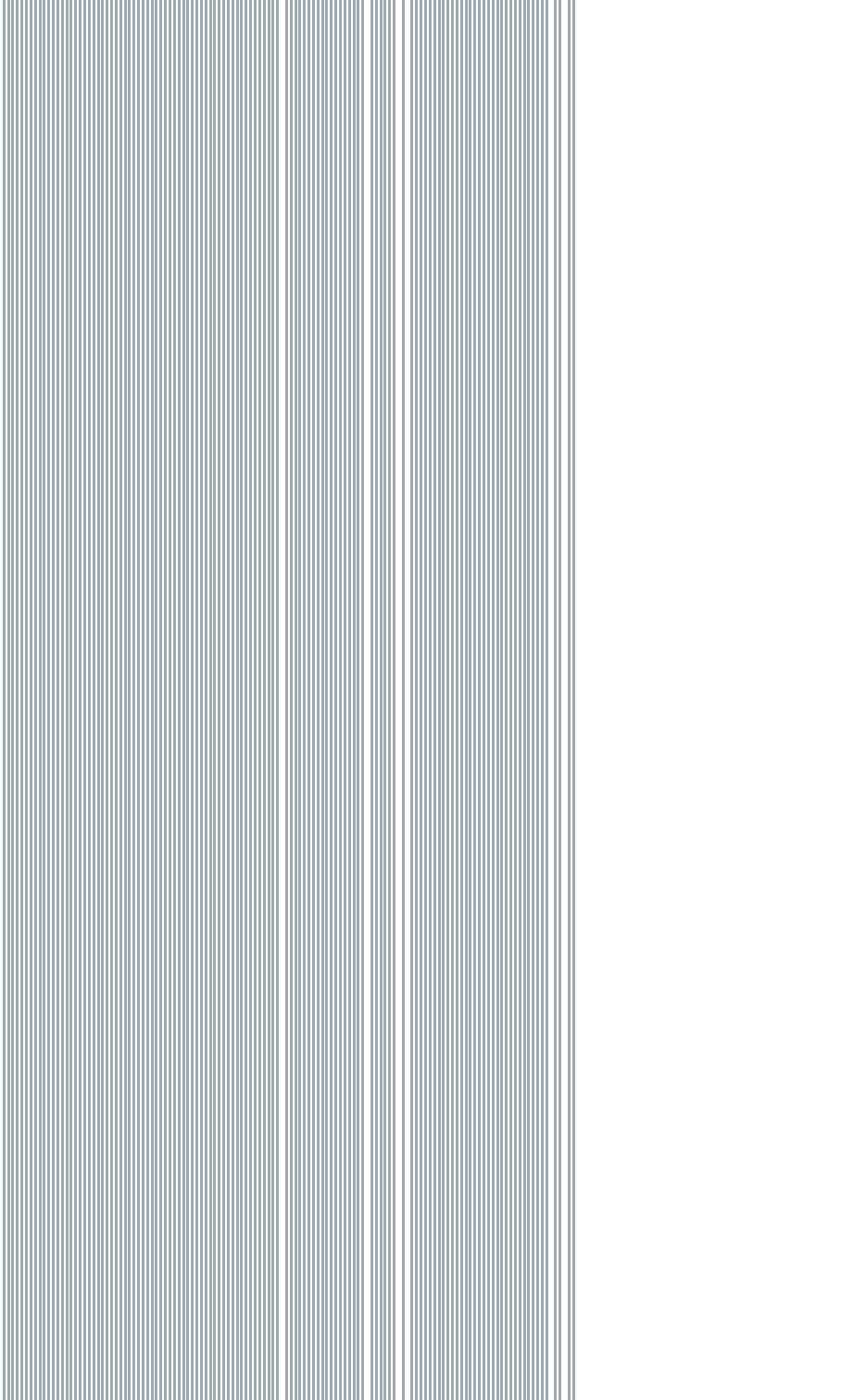




**RUÍDO**







A juventude sempre foi barulhenta para Raphael Leão. A urgência da adolescência presente em seus dias era um incômodo. Por isso, ficava de fora, à margem, deslocado. Aos 16 anos, sua maior dificuldade na escola era fazer amigos, mas não fazia muita questão de tê-los. Preferia ficar só. Para falar com alguém, o esforço descomunal para disfarçar a timidez nunca fora suficiente. Sua boca tremia enquanto as palavras saíam apressadas, as mãos suavam e ele parecia encolher com a presença de outra pessoa.

Os estudantes do segundo ano do ensino médio do Colégio Central, em Salvador já estavam acostumados com o menino e faziam de tudo para que ele se sentisse incluído. Diferente de muitos ambientes escolares, aquela sala de aula não era hostil, mas ainda assim, não era o bastante para que Raphael se sentisse à vontade. Ele não conseguia entender seus colegas, nem a maneira despreocupada com que seguiam a vida. Calado, o jovem questionava a existência, se havia algum sentido para estarmos aqui. Mas nunca pensou

em compartilhar seus sentimentos com ninguém. Até reconhecê-los em uma colega de sala.

Caroline Souza também era uma menina tímida. Diferente de Raphael, sua timidez não a impedia de se relacionar com outras pessoas. Brincava com os colegas e fazia amizades. Apenas com ele que se sentia inibida para se aproximar. “Ele não dava abertura para ninguém”. A insegurança de Raphael era tão grande que ele não tirava fotos. “O pessoal puxava ele pra fotografar. Ele saía às vezes. Mas não era uma coisa que ele ia porque queria, então ficava muito esquisito. Era uma pessoa que não tinha muito traquejo social. As pessoas sacaneiam quem é muito tímido. Sei disso porque também sou. Imagino o quanto ele deve ter sofrido com essas coisas”.

Os dois passaram todo o segundo ano quase sem contato. No ano seguinte, em 2008, quando começaram as aulas, ela estranhou a ausência de Raphael na escola. “Ninguém tinha notícias dele”. E estranhou mais ainda quando o menino começou a conversar com ela pelo MSN. “Fiquei surpresa porque ele era realmente tímido, muito fechado. A galera da escola era tranquila, não tinha bullying, pelo menos não a nossa sala durante os dois anos que passamos juntos com a mesma turma. Por isso que ele tinha alguns amigos”.

Depois da iniciativa dele em puxar assunto, Caroline percebeu quantas coisas os dois tinham em comum. Falavam quase sempre de música, já que os gostos eram bem parecidos. Ao som de John Lennon, Los Hermanos e outras bandas jovens da música popular brasileira, escoavam horas pela madrugada se conhecendo. “Nessa época, na escola, todo mundo era pagodeiro. Acho que por isso que o ambiente era tranquilo também, porque pagodeiro tem aquela energia pra cima, é gaiato, brincalhão. Eu andava com os pagodeiros, andava com os roqueiros e tinha Raphael que estava ali no meio, no limbo”.

A empatia imediata logo deu início a uma amizade discreta. Caroline via como era difícil para ele se aproximar de alguém. Até mesmo dela que parecia corresponder ao seu jeito introvertido. “Ele era sensível, mas a timidez era tão grande que a gente ficava sem saber o que havia escondido nele”. Raphael não falava da família, nem de como era a sua vida fora da escola. Curiosa e preocupada com o novo amigo, Caroline perguntou porque ele não estava mais indo para as aulas. Então, ele contou para ela que tinha alguém da rua que queria fazer uma coisa ruim com ele, mas sem mais detalhes.

“Não me lembro direito, mas deu a entender que ele estava sendo perseguido por alguém. Quando ele me contou, achei estranho, mas não desconfiei de nada. Também tinha mania de perseguição e acabei não levando muito a sério. Não fiquei perguntando. Estava conversando com outras pessoas no dia e como ele ainda não tinha tanto contato comigo, era apenas mais uma pessoa que estava ali. Realmente não dei atenção a ele. A partir desse momento que ele passou a conversar mais comigo”.

Raphael não tocou mais no assunto e, depois de um tempo sem aparecer, voltou para a escola, ainda nas primeiras semanas do terceiro ano. Aos poucos, ele tentava se encaixar em uma vida social. Era o último ano do ensino médio e depois dali, perderia o contato com a maioria dos colegas. “Era esquisito porque até mesmo os mais calados conseguiam de alguma maneira interagir e ele não. Ficava completamente deslocado. Ele começou a ficar mais soltinho e se expressar melhor nesse ano”.

Como esperado, a amizade com Caroline também crescia. Logo os colegas começaram a achar que havia algum romance entre os dois. Ou melhor, que Raphael estava apaixonado pela garota. A amiga de Caroline brincava:

- Ah, você vai pegar o esquisito!
- Não fale dele assim, não. Você não entende.

“Eu defendia porque via que ele tinha problemas com isso e me identificava com ele. Acho que o carinho que senti vem disso. Apesar de eu ser um pouquinho menos esquisita que ele, a gente tinha muitas coisas parecidas. Por isso que ele se aproximou de mim. Nós éramos tímidos, quietos, meio complexados. Todas as coisas que incomodam quando a gente é adolescente. Ele se soltava mais comigo”.

Todos os dias, depois da aula, Raphael fazia algum tipo de atividade física. Ele lutava karatê e, às vezes, dividia as tardes com outro colega de turma, Allan Novais. Juntos, faziam capoeira e musculação. Mesmo morando em bairros diferentes, os dois treinavam em dupla. Certa vez, Allan ganhou de presente um celular e chamou o amigo para gravar um vídeo exibindo golpes de capoeira. Por conta da timidez de Raphael, foram para uma área reservada do colégio e Allan foi o primeiro a fazer os movimentos. Quando terminou, disse ao colega que era a sua vez, mas Raphael não conseguiu se mexer. Ficou travado, completamente imóvel. Depois de um tempo disse. “Não quero. Vamos embora”. Allan perguntou o que aconteceu, mas ele apenas devolveu o celular e foi para casa.

Em clima de vestibular, a turma de 2008 do Colégio Central estava prestes a se formar. O sonho por uma vida independente e, acima de tudo, passar em uma universidade federal estava na cabeça de cada jovem daquela sala de aula. Após a formatura, muitos dali se afastariam e os encontros iriam diminuir até deixarem de acontecer. Devagarinho, Caroline foi percebendo que não veria mais o amigo todos os dias.

Quando o ano letivo acabou, Caroline entrou em um curso pré-vestibular e Raphael em outro. Aos poucos, foram parando de conversar com a frequência de outrora. A rotina havia mudado, e os objetivos também. “Depois que terminou, todo



mundo estava estudando pra passar no vestibular. Foi quando ele começou a andar com outra colega. Eles se aproximaram no cursinho e ela era muito alto astral, levava ele para as festas de forró, festivais...”. Ao ver as fotos do amigo nas redes sociais, logo pensou em como Raphael estava melhorando. “Fiquei feliz e surpresa. Ele parecia estar mais tranquilo, sociável. Mas, mesmo nas fotos, com aquelas camisas coloridas, a gente via que ele ainda era um pouco melancólico”.

Não demorou para que Raphael anunciasse numa rede social a lista de aprovados da Universidade Federal da Bahia. Ele passou no curso de ciências contábeis no primeiro semestre de 2010, exatamente o que sempre quis. “Ele começou a fazer cursinho, mas não continuou. Saiu para estudar sozinho em casa. Naquela época, nem tinha Enem, só as provas com primeira e segunda fase. Era ainda mais difícil para um menino de escola pública passar. A gente achou fascinante”. Da turma de 2008 do Colégio Central, apenas Raphael e um outro colega tinham ingressado em universidades públicas até então. “Passar na UFBA era tudo o que a gente queria. Era o máximo. Eu consegui entrar em arquitetura depois, mas, naquele período e naquelas condições, eu não passaria sem cursinho. Todo mundo ficou muito feliz”.

A habilidade do rapaz em enfrentar os monstros que o mantiveram isolado toda a vida era um exemplo para Caroline. Se Raphael, seu companheiro de introversão, estava tomando as rédeas da própria vida, ela também era capaz de fazer o mesmo. “Ele parecia estar realmente bem”. Foi em um dia comum, igual a qualquer outro, que Caroline chegou em casa, descansou a mochila pesada de livros na escrivaninha e ligou o computador. Quando abriu o Orkut, viu a mensagem da irmã mais nova de Raphael:

“Oi, Carol, aconteceu uma coisa muito ruim com Rafa. Ele faleceu. Beijjos”.

Com os olhos rasos d'água, ela leu aquelas palavras por alguns segundos sem entender direito o que diziam. Uma mistura de choque e estranhamento fizeram brotar várias perguntas na cabeça da menina, mas ela não conseguia digitar nada. Pensou que poderia ser uma brincadeira da irmã, uma criança com seus 12 ou 13 anos. Relembrou das queixas de Raphael sobre alguém estranho estar atrás dele. Pensou em muitas opções, mas suicídio não era uma delas. Pediu para a menina explicar o que tinha acontecido. E ela contou.

Era a primeira semana de Raphael na faculdade. Ele chegou em casa e passou toda a tarde dentro do quarto, como gostava de fazer. No início da noite, saiu e encontrou o pai na sala. Avisou que colocaria um cd para tocar e pediu que, quando chegasse na música Pai, de Fábio Júnior, ele entrasse no quarto. E foi assim que o pai fez. Quando abriu a porta, se deparou com o filho já morto, enforcado com a faixa do quimono que usava para lutar.

Caroline desabou depois de ler a história. Era muito difícil acreditar naquilo. Sentiu uma dor forte apertar o peito e chorou. “A irmã dele falava e não parecia ter noção do que estava dizendo. Fiquei me perguntando se ela não fantasiou alguma coisa. Mas era verdade”. Despedaçada, ela queria encontrar alguma razão para aquilo tudo, mas só o que lhe cabia naquele momento era viver a própria tristeza. “Acho que fiquei com medo de ficar como ele, por conta dessa identificação”.

Uma semana depois, aconteceu a missa de sétimo dia dedicada a Raphael Leão. Dos amigos, estavam lá apenas Caroline e Allan, que chorava copiosamente. Ela observava com discrição o pai de Raphael. Queria entender como o homem seguiria após o suicídio do filho. “Ele não chorava desesperado, mas estava muito mal. Sério. Parecia muito abalado”. Caroline tentou, mas não conseguiu falar devidamente com

a família. “Fiquei sem jeito. Quando comecei a falar um pouquinho com a mãe dele, os olhos dela se encheram de lágrimas e eu não consegui mais dizer uma palavra”.

No final da missa, ela lembrou das coisas estranhas que Raphael contou ainda nos tempos de escola, sobre ter alguém atrás dele, e falou para a mãe do garoto. Ela disse que não sabia de nada e Caroline preferiu não tocar mais no assunto. “Depois, descobri que ele estava fazendo um tratamento psicológico nesse período, mas nunca me contou sobre isso”. Com exceção dos dois amigos, somente a família estava presente na cerimônia. “Até hoje não sei se ele tinha outros contatos. Lá, o primo dele me disse que quando alguém se aproximava do quarto, ele costumava fechar tudo o que estava fazendo no computador. Tinha vergonha de que vissem com quem ele conversava ou achassem que estivesse paquerando alguém”.

Era da natureza de Raphael evitar contato com as pessoas, até mesmo de quem o tinha como amigo. Sempre foi difícil saber o que se passava na mente do menino. “Acho que ele ficou um pouco apaixonado por essa amiga que se aproximou dele e levava para as festas. Mas ele nunca ia dizer e também acho que ela não ficaria com ele, pelo jeito dela e pelos garotos que (sic) ela se interessava. Ela tinha aquela energia, mas não chegava junto para ouvir os problemas das pessoas. Era pra sair e curtir e acho que ela fez bem pra ele durante esse tempo”.

A aparente melhora na vida social do garoto deixou Caroline ainda mais abalada. “Raphael saía, parecia estar se divertindo, por isso a gente tomou um susto. A pessoa está bem, tudo certo na vida, você acha que não vai acontecer nada de ruim”. A ideia do amigo triste e depressivo não condizia com a imagem que ela tinha em sua cabeça. “Quando é uma pessoa que está triste, dentro de casa, a gente já imagina.

Senti que o baque na família foi por causa disso. A mãe dele disse que não entendia. O que a gente mais queria naquela época era passar na UFBA. Ele passou e logo depois tirou a própria vida”.

Foi quase impossível para Caroline não se colocar no lugar de Raphael. A menina sentia muita dor com a ausência do amigo. “Ficaram sem entender porque eu estava sentindo tanto. Me perguntaram até se eu gostava dele, no sentido de estar apaixonada. Não era de fato uma relação muito próxima, mas era muita afinidade. Você se identifica, se vê naquela pessoa. Tem gente que eu convivo muito mais e não tenho tanta identificação. Então, eu pensava, Rafa é como eu e está conseguindo as coisas, fazendo mais amigos. Você se projeta”.

A dureza da vida universitária acompanha a menina até hoje. Ela sabe que para Raphael deve ter sido tão difícil como foi para ela, quando entrou na faculdade. “Isso pode enlouquecer a pessoa. Você encontra muita gente diferente, muitas coisas diferentes e tem a galera que não perdoa. O ambiente é estressante”. Para os jovens que saíram de uma escola acolhedora e familiar, pode ser duplamente desgastante se adaptar aos espaços e ao ritmo dos cursos. “Por isso acho que foi muito forte para ele. Talvez ele não estivesse triste quando passou. Não sei o que se passava em sua mente, mas sei que uma hora você está indo bem até que cai de novo, pelo que vejo de mim. Acho muito difícil para as pessoas que são travadas, encarar as realidades que são brutais”.

Para além dos choques com a vida acadêmica, Caroline reconhece que Raphael tinha conflitos com a família, mas como ele era fechado e não tocava nesses assuntos, tem apenas suposições. “Ele tinha problemas com o pai, havia uma tensão entre eles. Não sei a causa. É complicado porque é a vida dos outros e a família é muito delicada quanto a isso. Sei que ele tinha outros irmãos e que o pai fazia

comparações. Provavelmente era muito exigente”. A família ficou muito abalada depois do suicídio do garoto. A mágoa que ficou criou uma fortaleza em torno da morte de Raphael, principalmente por conta da forma com que tudo aconteceu. Caroline perdeu o contato com os familiares e só conversa sobre Raphael com seu outro amigo, Allan.

No período de luto, logo quando soube da morte do amigo, Caroline ouviu de uma menina na igreja em que frequentava, “ele vai se perder, porque suicidas vão para o inferno”. A condenação da garota deixou Caroline profundamente magoada. “Achei aquilo absurdo. Ouvir esse tipo de coisa em luto. O que me deu mais raiva foi o entendimento dela. Esses pensamentos pioram a mente das pessoas. Às vezes, a pessoa não está bem e quando falam que o que ela é, é maléfico, é como se não desse alternativa. Ela não parou pra pensar que quando alguém chega a tirar a própria vida é porque está mal e precisa de ajuda”.

Talvez pela profunda empatia, talvez pelas semelhanças, Caroline nunca julgou o amigo. “Eu também era pra baixo, de certa forma entendia. Não estou dizendo que vou me suicidar, mas que tem dias que estou bem e tem dias que não estou afim. Quando a gente não está afim, não serve pra nada”. No momento em que soube e depois, ela ficou triste. “Aquela sensação horrível de que você não pode fazer nada. Você é impotente. Foi alguém que, querendo ou não, tinha família ali presente”. Como foi a primeira pessoa do seu círculo social a morrer, o impacto foi ainda mais significativo, principalmente por ter a mesma idade de Caroline. “Quando é um parente idoso, não tem a comparação tão forte”.

Apesar do primeiro contato com a morte aos 19 anos, Caroline pensa sobre a vida e o fim desde criança. “Suicídio é uma coisa que se passa em minha mente desde sempre. Não que eu tenha planejado fazer. São reflexões”. Ainda peque-

na, ela se indignava com as coisas à sua volta que não era capaz de mudar. Certa vez, gritou: “esse mundo não serve para nada. Queria não estar aqui”. A tia achou um absurdo uma criança dizer aquilo. “Hoje me lembro e dou risada, mas sempre pensei muito na questão da morte, na importância da vida. Tanto que outras pessoas acham que sou estranha, meio mórbida”.

Junto com os pensamentos, vem o medo deles levarem a uma depressão. “Fui na psicóloga e ela me perguntou se eu pensava nessas coisas. Mas ainda me questiono, por que temos que estar aqui? Por que temos que correr atrás de tanta coisa? Às vezes, parece que as pessoas não estão pensando nisso. Não digo que devam, mas, para mim, é importante ver sentido no que fazemos. Muitos não questionam para não se estressar, mas sempre achei muito triste o destino humano”. As perguntas perseguiram Caroline no início da faculdade. Os ciclos diários que envolvem as obrigações de estudar, trabalhar e seguir uma rotina passaram a fazer sentido depois de um tempo cursando arquitetura. “Agora que comecei a ver com outros olhos o meu curso. As maneiras com que posso transformar a vida das pessoas e como usar a arte para esse bem”.

Caroline sabe que Raphael tinha perguntas parecidas com as dela, assim como as dores demasiadamente humanas, porém era um desafio fazê-lo conversar. “Por isso estranhei tanto quando ele veio falar comigo, mas um maluco se reconhece no outro”. Por ser tão calado, muitos não sabiam sobre seus verdadeiros sentimentos e, também por isso, o impacto foi tão forte para os familiares. “Com o suicídio acontece muito de culparem a família. Tem uma tendência de culpar as mães por tudo o que a pessoa faz de errado”.

A angústia de não saber o que fazer permanece em seu peito. “Às vezes, a pessoa não quer ser ajudada e você não

sabe o que fazer. Dentro da minha família, tenho pessoas com depressão e não dá para ficar o tempo inteiro com elas”. Ao mesmo tempo, é doloroso saber que alguém querido precisa de uma ajuda maior do que a que é oferecida. Por conta disso que a culpa e o silêncio acompanham tantas histórias de suicídio. “Temos a falsa ilusão de que a depressão é diferente das outras doenças, talvez porque ela não expõe as feridas tão rápido”.

Devagarinho, um pé depois do outro, para não errar o caminho, Caroline vem lidando com os ruídos da existência. Guarda a amizade de Raphael como guarda as lembranças bonitas dos tempos de escola. A dor a acompanha e ela sabe que falar é o mais importante para ajudar as pessoas. “Hoje em dia está ficando bem mais claro o quanto de gente se suicida”. Assim como é importante enfrentar os julgamentos decorrentes da falta de informação, é preciso enfrentar também os fantasmas que atormentam os sobreviventes. “Você não pode salvar a pessoa dela mesma”.

S O P R O









Não há como Renato José Rodrigues lembrar da infância sem pensar na liberdade que existia nesse tempo. Foi numa casa grande e antiga de Governador Valadares, em Minas Gerais, que o menino nasceu. O último de uma família formada por vinte irmãos. Cresceu correndo descalço pelas ruas, que lá pelos anos 1960, ainda eram de terra batida. Junto com os irmãos e alguns sobrinhos, passava o dia empinando pipa e jogando bolinhas de gude. “Mal existia televisão. Só uma pequenininha, em preto e branco, quase sem sinal. Era uma vida de menino de rua”. Quando queria ganhar algumas moedas, subia nos morros para catar cocô de boi e vender como adubo para os fazendeiros. “A gente saía pequenininho, com uns cinco anos, e minha mãe não tinha preocupação, porque não haviam os perigos de hoje. O perigo era cortar o pé, perder o horário da aula. Até os carros andavam devagar porque não tinham motor forte”.

Naquele tempo de pés no chão, a vida era simples. A maior alegria de Renato era ver o trator passar pela porta de casa.

“A rua toda esburacada e minha diversão era subir no muro enquanto o trator passava devagar”. Como os filhos eram muitos, sempre foi difícil para a família se sustentar e, porque os filhos eram muitos, nunca faltou alegria e movimento naquele lar. Dos vinte, dezessete viviam com Renato quando ele nasceu, em 1967. Apenas uma irmã mais velha, que morava com o marido, e um irmão que estudava na Espanha para ser padre viviam fora da casa, pequena para tantas crianças. “Havia um quarto para as minhas irmãs, com três beliches de três andares, e as duas mais velhas dormiam em um quarto separado. Eram onze mulheres ao todo. Havia também um quarto para meus pais e outro para os pequenos”. No quarto dos pequenos, havia uma cama de casal e todos dormiam atravessados no colchão. “Dava pra colocar uns cinco ou seis meninos. Quando um mijava na cama, todo mundo mijava também. O colchão ficava todo molhado. Se um ali não mijasse, nem tinha como saber”.

O pai de Renato administrava um armazém e um açougue e fazia o possível para que nada faltasse em casa. “A marca de meu pai na família é de um homem trabalhador e honesto”. Rígido, batia muito nos filhos e fazia questão de que crescessem sem sair da linha. Fora de casa, era mulherengo e briguento. “Batia nos meus irmãos. Em mim foi pouco. Ele queria impor sempre a integridade, a moral, o bom comportamento. Então, batia mesmo”. Por ser comerciante e com tantos filhos para manter, a comida era sempre básica: arroz, feijão e salada. “A carne era disputadíssima porque era cara. Imagine dez meninos na mesa comendo. Quando minha mãe fazia os pratos, a regra era: pode repetir tudo, menos a carne. A gente deixava o pedaço pro fim e se tivesse que sair pra fazer qualquer coisa, pedia para aquele irmão de mais confiança tomar conta da carne e não correr o risco de ser roubado”.

Renato foi criado por muitas mães. “Era para as irmãs mais velhas, algumas já com filhos, que minha mãe delegava o cuidado dos pequenos. Sozinha ela não dava conta”. Os irmãos homens mais velhos eram Marcos e Dimas, com 14 e 13 anos a mais que o caçula, respectivamente. Muito próximos, os dois eram de naturezas bastante diferentes. Marcos sempre foi considerado o filho mais bonito, aventureiro e bem sucedido. Dimas, desde menino, era mais quieto, sensível. “Hoje eu percebo, na época não, que Dimas vivia nas sombras de Marcos”. Por ser expansivo, Marcos fazia de sua presença um espetáculo para a família, e Renato cresceu observando seu comportamento. “Na verdade, Dimas não tinha ele como modelo. Marcos era modelo para os outros irmãos, inclusive para mim. Era como se fosse um ídolo. Você vê a pessoa festeira, bem sucedida, não digo que era rico, mas comprava carros, gastava na rua. Por Marcos ser uma pessoa festejada e Dimas não, ele sempre viveu esse complexo de inferioridade. Guardava uma tristeza no rosto”.

Alguns irmãos enxergavam aquela tristeza como inveja. Não que Dimas desejasse ser igual ao irmão, mas queria ter a atenção que ele roubava de todos. Certa vez, quando Marcos comprou o primeiro carro, um fusca azul, Dimas, mesmo com pouco dinheiro, juntou o que pôde e comprou também um fusca, só que bem velhinho. “Às vezes, lavava o fusca de Marcos para aprender a dirigir. Manobrava pra lá e pra cá e Marcos me dava um dinheiro depois. Dimas comprou um branco, bem mais velho, só pra ter também, e fazia questão que eu lavasse também. Lembro que, mesmo criança, compreendia isso. Ele pedia pra lavar pra ser igual a Marcos e mostrar que tinha as mesmas condições”.

O resto da família não fazia comparações entre os irmãos e os pais sempre valorizaram as diferenças de cada filho. Apenas Dimas não reconhecia que era admirado. “Dimas

não era de gritar, não era de brigar. Ele sempre foi um homem muito bom. Era amigo das crianças”. Não foram poucas as vezes que ele salvou Renato de alguns castigos. “Uma vez, peguei dinheiro de meu pai, coisa pouca, algumas moedas, e meu pai ia me bater. Ele foi lá e pagou, ‘aqui o dinheiro’. Ele me protegia. Era uma alma boa, mas doente”. O complexo de inferioridade foi o primeiro dos muitos problemas que o jovem teria ao longo da vida. “Marcos sempre foi muito conversador, namorador. Fazia festa quando batia o carro. Chegava em casa com o carro amassado e aquilo era uma aventura incrível. Todo mundo ia ver a parte batida. Contava a história cheio de emoção e Dimas ficava à parte, com ciúmes do sucesso”.

A infância de Renato pelas ruas de Governador Valadares foi até os sete anos de idade. Apesar de muito trabalhador, o pai do menino estava falido e decidiu tentar a vida na Bahia. “Sempre tivemos uma vida muito pobre, financeiramente. Mas, nessa época, alguns irmãos já trabalhavam, alguns eram casados, minhas irmãs todas trabalhavam no banco, então, nem todos dependiam de meu pai”. Junto com Dimas e Marcos, ele foi para Simões Filho, onde havia um sítio emprestado por um primo rico. “Um sítio que, na verdade, era uma selva”. Lá, os três começaram a trabalhar. Marcos tinha então, 20 anos, e Dimas, 19. Reformaram a casinha muito pequena e fizeram uma horta. “Com ela, começaram a sustentar a gente”. Plantaram alface, tomate, quiabo e pimentão. “Depois que as coisas estavam mais ou menos arrumadas e a horta começou a dar dinheiro, meu pai foi à Minas e chamou minha mãe para fazer a mudança, mas ela não quis”. Apegada ainda ao lugar, a mãe de Renato não estava pronta para ir à Bahia. Após a recusa da mãe, o menino foi chamado para acompanhar o pai, o que a deixou ainda mais insatisfeita. “Minha mãe dizia chorando ‘não vá, meu filho’. Eu não entendia. Queria ir porque achava que estava indo

passar, não sabia que era pra ficar”. Renato passou dois meses na roça com o pai e os irmãos. Depois, veio o resto da família com nossos pertences.

O fim da infância de Renato foi na roça, em Simões Filho, brincando e caçando passarinhos. Junto com ela, foi embora a inocência que fez dos seus dias os mais felizes. Segundo Renato, sua adolescência foi neurótica. “Fui desequilibrado emocionalmente, por querer resolver os problemas de minha família. Cresci na ilusão de que ia resolver todos os problemas para que minha mãe tivesse paz”. Saíram do sítio em direção a outro município, Dias D’ávila, também na região metropolitana de Salvador. Dimas já estava casado, como a maior parte dos seus irmãos, e começou a ter problemas com o álcool, perdendo o controle com uma frequência cada vez maior. Renato sempre se sentiu responsável por cuidar do irmão, assim como dos outros que precisassem de qualquer ajuda. Logo, sentiu o peso da maturidade e suas consequências. Havia terminado o curso de Instrumentação na antiga Escola Técnica da Bahia e começado a trabalhar na Petrobrás. Não demorou para que conhecesse Dôra e se casasse. Juntos, compraram uma casa em Camaçari onde vivem até hoje. Mesmo casado, continuou envolvido com as questões familiares e, ainda mais, quando seu pai morreu de câncer nos pulmões por conta dos cigarros. Passava muito tempo ao lado da mãe para suprir, de alguma forma, a ausência deixada pelo pai. “A minha mulher me acompanhava. Eu a sacrifiquei naquela época porque me importava demais com os problemas da casa de minha mãe”.

O maior problema de Renato era o alcoolismo de Dimas. Por mais que dissesse para a família que ia parar, Dimas estava cada vez mais preso a uma rotina de bebida, crises e brigas. “Quando se é jovem e bebe, ninguém diz que a pessoa é alcoólatra. Às vezes exagera com a bebida, passa mal,

mas ninguém enxerga como alcoolismo. A pessoa só é considerada alcoólatra depois que aparecem as características, como rosto e pés inchados. Há todo um traço fisionômico que só de olhar, já sei”. A preocupação maior do caçula era por causa dos desequilíbrios emocionais do irmão. Ele sabia que, com a bebida, todos os complexos de Dimas ficavam acentuados. “O mais grave nem era o alcoolismo em si, porque existem muitos alcoólatras que morrem pela doença que afeta os rins, o fígado, e não são suicidas. Mas ele sofria com um complexo de inferioridade muito grande”.

A condição de Dimas se agravou até destruir o seu casamento. “A fase crítica, quando o alcoolismo pegou ele mesmo, ele já estava com a saúde precária, começou a fazer coisas sem nenhuma ética, traía a mulher até na frente dela, tinha uns comportamentos completamente alucinados que nunca foram característicos dele”. Com o divórcio, ele deixou a esposa e a filha ainda pequena e voltou para a casa da mãe. Dimas estava perto de fazer 35 anos quando perdeu também o emprego. “Ele estava sofrendo muito”. Ao ver a dor da mãe ao assistir aquela tragédia, Renato decidiu que faria tudo o que pudesse para salvar o irmão. Visitou o grupo de Alcoólicos Anônimos, em Camaçari, viu como funcionava todo o processo e convidou Dimas para ir com ele. “Ele aceitou. Ele morava em Dias D’Ávila com minha mãe e eu, recém casado, com minha esposa grávida, saía todo domingo, pegava ele, voltava para Camaçari e assistia a reunião de A.A ao seu lado. As minhas manhãs de domingo foram dedicadas a Dimas durante quase um ano”.

Renato tinha fé de que o irmão iria se curar. Às vezes, Dimas ficava quase um mês sem beber. “Eu sempre torcendo até vir mais uma recaída”. Para cada reincidência, uma nova desculpa. Dizia que saía com algumas mulheres e era cobrado por elas a beber. Depois de mais de seis meses indo às reu-



niões, Renato entendeu que o irmão ia mais para mostrar à família que estava tentando do que para realmente parar. Os colegas do grupo diziam que ele só iria absorver o problema e o tratamento quando passasse a ir sozinho. “Enquanto você trouxer ele, não vai cair a ficha”. Renato disse, então, que não iria mais acompanhá-lo, mas Dimas não queria ir sozinho. “Visitei o grupo de Dias D’ávila, que ficaria mais perto, e ele também não aceitou. A gente acaba adoecendo junto. Isso foi uma escola pra mim. Continuei levando ele. Depois, percebi que ele realmente não se esforçava e comecei a desanimar, passei a deixar de ir. Certa vez, não fui buscá-lo e ele chorou muito”. As idas às reuniões ficaram cada vez mais escassas até que os dois pararam de ir. Dimas não queria mais participar do grupo. Nesse mesmo período, começaram as ameaças de suicídio. “Uma hora dessas, vou me matar”. Os familiares, mesmo preocupados com a situação, não acreditaram na possibilidade de um suicídio acontecer. “Ninguém ligava. Hoje eu aprendi com o CVV (Centro de Valorização da Vida) que quando se fala, tem que se levar a sério”.

A memória de Renato falha ao tentar lembrar com exatidão a data dos fatos, mas o ano era 1991 e Dimas tinha mais ou menos 37 anos. Dôra havia acabado de dar à luz e Renato só tinha olhos para o filho, que recebeu o seu nome. A família estava passeando em Salvador. Era noite e Renato tinha que deixar a irmã em Dias D’Ávila antes de ir para casa. Quando passaram por um rio que fica na entrada da cidade, viram Dimas sobre a ponte no meio da escuridão. Estava encharcado. “Minha irmã gritou, mas estava cansado e com meu filho pequeno chorando, então, a deixei em casa e voltei para procurá-lo. Ele não estava mais na ponte”. Depois, Renato soube que ele chegou em casa molhado e contou a todos que havia tentado se afogar. “Foi a partir daí que começamos a levar a ameaça de suicídio a sério e a vigiar mais o meu irmão”.

Cerca de dois ou três meses depois, Renato recebeu a ligação de uma das irmãs durante a madrugada. Nervosa, ela tentava falar e não conseguia. Apenas soluçava. A chamada caiu e, poucos segundos depois, ela retornou:

- Renato, venha correndo, acho que Dimas morreu.
- Como assim você acha que Dimas morreu?
- Ele deu um tiro na cabeça e tá aqui no chão da sala.

A notícia deixou Renato desesperado. Ele acordou a esposa, pegou o filho e saiu de casa no meio da noite. “A primeira sensação foi de descontrole emocional. Acordei minha mulher aos gritos. Aquele descontrole de querer dizer as coisas rápido e não pensar direito. Como se chegar logo fosse adiantar alguma coisa, como se eu pudesse salvá-lo. A gente fica com uma pressa inexplicável. A maior vontade ali era de estar perto da minha mãe”.

Chegando em casa, encontrou a mãe, a irmã e outro irmão. Todos em choque. Dimas havia pegado a arma de um dos irmãos em cima do guarda-roupa, andou até a sala e avisou a todos que ia se matar. A mãe gritou aterrorizada. O irmão foi em sua direção para evitar que ele fizesse alguma coisa, mas Dimas colocou a arma na cabeça, puxou o gatilho e caiu no chão. “O mais grave disso é que ele deu o tiro na frente da minha mãe. Foi um choque muito grande para ela. Muita dor.”

O luto que tomou conta da família impediu alguns irmãos de tocar no assunto, mesmo hoje. “Eu já estava emocionalmente doente e esse fato foi terrível. Tanto que levei um tempo sem ter condições de falar sobre a morte de Dimas. Quando, por alguma necessidade, alguém me perguntava, ‘o seu irmão, ele morreu de que?’, eu falava que ele morreu de alcoolismo, nunca que se matou. Aquilo machucava muito”. O caso foi noticiado no jornal A Tarde. Com o tempo, Renato foi aprendendo a lidar com suas dores. O contato com o espiritismo o ajudou a lidar com o trauma e a saudade. “Já tra-

balhei isso, mas muitos anos depois. É um trauma profundo no emocional da pessoa. É preciso compreender espiritualmente, psicologicamente, ampliar o entendimento, porque é uma ferida muito grande. Fica para sempre a cicatriz”.

O enterro foi longo e silencioso. Quase todos os irmãos estavam presentes, menos a mãe. Maria de Lourdes decidiu não ir, da mesma forma que não se despediu do marido anos antes. A serenidade da mulher chamava a atenção dos filhos, principalmente de Renato. “Quando nasci, meus irmãos já eram adultos, então, há toda uma história da vida de minha mãe da qual não participei. Ela sempre foi uma mulher muito forte espiritualmente, nunca foi de se abalar, sofrer histerismos ou chorar desesperadamente. Ela preferia se recolher em sua tristeza e ficar em silêncio”. Quando, dois anos depois, Renato perdeu outro irmão em um acidente de moto, ela manteve o mesmo comportamento, recolhimento e silêncio. “Se via muita tristeza na alma dela. Dizem que a maior tristeza na face da terra é a morte de um filho. Não existe dor igual. Ela apenas ia para o quarto e apagava”.

Renato encontrou uma explicação para o comportamento de sua mãe após leituras sobre o espiritismo. Segundo ele, muitas vezes, por mérito ou ajuda espiritual, em momentos de grandes dores, o espírito desliga-se do corpo, como uma forma de anestésiar a dor física. “O espírito se desloca do corpo, como se desloca todas as noites quando dormimos, e lá, no plano espiritual, as nossas questões ficam mais claras e a dor é menor. Como se, ao dormir, estivesse cuidando da alma dela”. E era assim que Maria de Lourdes fazia. O luto silencioso a protegia. Quando o segundo dos 20 filhos morreu no acidente, uma filha perguntou porque ela não chorava. “Minhas lágrimas já secaram”, respondeu calmamente a mulher. Para Renato, a resiliência da mãe serviu de exemplo para todos os filhos. “Sua vida foi muito dura. No tempo da-

queles casamentos em que o homem era o chefe da família, patriarca, mantenedor, e a mulher, parideira, dona de casa e não podia reclamar muito das coisas”. Maria de Lourdes sofreu muito com o temperamento do marido, além do trabalho árduo de criar 20 crianças. “Depois que nasci, ele melhorou bastante, mas ainda bebia muito, era briguento e tinha outras mulheres. Ela teve que suportar. Antigamente tudo isso era mais natural. Ela não era uma mulher triste. Percebo minha mãe como o melhor espírito da família. O sustentáculo espiritual da gente. Pela resignação, pela fé e pelo equilíbrio”.

Além dos anos de estudo e contato com a doutrina espírita, Renato fez metade do curso de psicologia. Os ensinamentos adquiridos pelas duas experiências fizeram o homem rever os próprios traumas. Hoje, ele se cobra menos. “Não tenho dúvida de que levaria ele a um atendimento no centro espírita. Eu teria mais capacidade de lidar com o problema. Eu me perdoou. A ignorância não é culpa de ninguém. Na época, eu tinha outra visão. Já lia sobre a doutrina, mas não tinha esse entendimento. Também são os fatos que nos fazem buscar respostas, então acabei estudando mais”. Depois do nascimento de seu filho, Renato percebeu que não poderia continuar seguindo os modelos de vida do pai e do irmão, Marcos. Tal qual o irmão, Renato via na vida imprevisível e descuidada uma forma de felicidade. Ambos viveram uma juventude desregrada. “Ele era meu ídolo e eu vivia o script dele. Dizia que ia ficar igual a Marcos. Deus me protegeu, pois quando cresci, fiquei diferente. Os valores dele hoje não servem pra mim e ele sofreu muito com essa separação, quando mostrei para ele que me tornei uma pessoa diferente”.

Marcos continua com o mesmo espírito livre e contagiante. É considerado pela família como o irmão excêntrico. Aposentou por invalidez no Pólo petroquímico por proble-

mas de audição e construiu uma casa isolada no meio do mato, em Dias D'ávila. Lá, ele produz quase tudo o que precisa para viver. “É uma mistura de Tarzan com Sidney Magal. Ele ainda gosta de causar espanto com as coisas perigosas ou nojentas que faz”. A relação com Renato não é mais a mesma. Apesar de ter perdido o parceiro de aventuras, Marcos tem grande admiração pelo irmão, que hoje parece ser o seu oposto, tranquilo e cauteloso.

Para além da dor e do vazio que acompanham Renato e seus familiares, sua maior angústia foi a forma com que outras pessoas tocaram no assunto do suicídio, seja com curiosidade em excesso ou com julgamento. “Estou me preparando para retomar os estudos de psicologia e uma das coisas que quero entender é esse grande interesse das pessoas pelo mórbido, pelo morto, pelo acidente de estrada. Parar para olhar os cadáveres, fotografar e querer ver o sofrimento dos outros. O que mais me incomodou foi como trataram o fato, tentando dizer o porquê, dando palpites, quando acho que, perante a dor do outro, você deve ter apenas respeito”. Para Renato, a sensação que fica nele e nos irmãos é a de que toda a família é vista como um problema, como se fosse doente também. “Ficamos marcados como a família do suicida”. Os temores de Renato se intensificaram depois que uma sobrinha, que vivia em Minas Gerais, cometeu suicídio com um tiro na cabeça, aos 20 anos de idade. “Ela era muito doente. Tinha crises depressivas fortíssimas. Não conheço os detalhes porque não era próximo, mas os pais fizeram de tudo para salvá-la”.

Com a morte da sobrinha, três anos depois da morte de Dimas, Renato viu como alguns parentes ficaram traumatizados e como o julgamento que vem de fora afeta a vida de quem ficou. “É pior do que perder alguém por acidente de avião, de carro, ou pelo câncer. É como se o suicídio trou-

xesse o sentimento de fracasso da família. Diferentemente de quando a morte fica por conta do trânsito ou da natureza, no suicida a marca que fica é a de que a família não soube cuidar. 'Ele não tinha amor', é o que dizem. 'Por que a família não o fez feliz? Por que ele chegou a esse ponto de tristeza? Há algo de errado nessa família'. Tudo isso fica no ar”.

Renato aprendeu a conter as angústias que tanto o assombraram no passado, mas, nem por isso, expressa algum receio em falar do que lhe aconteceu. Não foi o suicídio de Dimas, nem a morte dos outros familiares que mudou sua percepção sobre o fim da vida. Na verdade, foi o espiritismo. “É uma doutrina que fica entregue aos questionamentos. A minha visão mudou a partir das experiências dentro da doutrina e, hoje, não me importo de morrer. Não quer dizer que quero morrer. Quero viver até bem velhinho, até pelo instinto de preservação da vida, mas não tenho medo do desconhecido. A morte para nós, espíritas, é apenas a devolução do corpo”. Hoje Renato divide sua forma de ver o mundo com outras pessoas. No centro espírita que frequenta, faz palestras sobre o suicídio dentro da perspectiva espírita e fala o quanto é importante não por a culpa em ninguém. O suicídio e o aborto são considerados casos específicos dentro do espiritismo, que trazem consequências muito dolorosas para quem realiza. “Meus parceiros costumam demonizar isso. Sentadas na plateia, pode haver pessoas lidando com o suicídio, mulheres que abortaram, e elas vão sair de lá para nunca mais voltar, ao invés de receber uma mensagem de esperança e alívio”.

Mesmo deixando as inquietações da adolescência, os problemas familiares acompanharam Renato até a vida adulta. Enquanto acompanhava Dimas no tratamento, nas reuniões dos Alcoólicos Anônimos, ele sentia que também estava ficando doente. Seu maior medo era não poder suportar as

cargas da própria mente. Foi nesse período que começou a fazer psicoterapia. “Contava da minha vida, dos problemas da minha família, da minha irmã doente, do alcoolismo de Dimas, do sofrimento de minha mãe”. Foi durante as sessões que ele contou que tinha problemas para falar aos outros sobre o suicídio de seu irmão. “Ela simplesmente falou para mim ‘por que conta então? Guarde pra você o segredo’. Sentia necessidade de dizer e sofria ao dizer. Depois que ela me disse isso, passei a entender que não precisava contar para as pessoas e foi isso que me ajudou a falar sem mágoas”. Depois de seis meses de terapia, Renato chegou ao consultório e ouviu:

– Hoje vai ser diferente. Você vai me contar seus problemas.

– Mas, doutora, essa é a novidade?

– Sim. Apenas me fale quais são os seus problemas.

– Estou aqui por quase seis meses falando dos meus problemas e a senhora me pede isso? Perdi todo esse tempo fazendo o que?

– Não. Há seis meses você vem aqui falar dos problemas de Marcos, dos outros irmãos, de sua mãe, mas não notei nenhum problema seu.

Aquilo foi a chave para Renato. De repente, ele percebeu que tudo que fazia em sua vida estava em função das pessoas à sua volta. “Foi como um estalo. Senti um fresco. Na verdade, uma mistura de fresco e preocupação. O que eu vou falar? Fiquei alguns minutos pensando e o único problema que veio à mente foi a minha bicicleta com o pneu murcho. A minha alma entendeu que aqueles problemas não eram meus. Foi libertador”. Depois, Renato sentiu que não havia mais sentido estar ali. “Já havia tocado na ferida”. Ele chegava ao consultório e falava coisas de menor importância. “A gente passava o tempo rindo juntos”. Um dia, ele perguntou se havia mais alguma coisa. “Sempre tem, mas,

se quiser parar de vir, paramos”. Antes de ir, Renato ouviu: “você tem tudo pra ser feliz”. Renato foi para casa e, aos poucos, compreendeu aquela frase. “Os problemas dos outros, são dos outros, não meus”.

Os anos dedicados ao espiritismo e à psicologia se expressam na leveza com que ele conta suas memórias. Como um sopro, suas percepções do presente trazem alívio para as feridas deixadas pelo tempo. A família continua com problemas, os conflitos continuam a acontecer e Renato ainda ajuda, mas sabe que nada disso deve impedi-lo de ser feliz. As escolhas que não são suas não devem abatê-lo. Por isso, mantém o foco no filho, hoje com 26 anos, e em sua esposa, com quem dividiu dores e encantos. “Cada um é arquiteto do seu destino e tudo tem uma lei de causa e efeito”. Se Dimas estivesse vivo, estaria hoje com 63 anos. Mas, ao invés de viver imaginando realidades hipotéticas, Renato aprendeu a seguir com o caminho que lhe foi dado.





## EPÍLOGO

Eu era pequena ainda quando meu pai disse com as exatas palavras:

“O tolo vai a casa onde há banquete e o sábio vai a casa onde há luto. Pois lá, ele vê o fim de todos os homens e o aplica ao seu coração”.

A frase vinha de um trecho da bíblia e, apesar de pouco compromisso com a religião, me tocou profundamente. Compreendi bem o que meu pai quis dizer e entendi que o meu interesse pelas histórias humanas parte dos questionamentos que carrego comigo. Amarrada pela própria indecisão, escolhi observar, saciar a imensa curiosidade pela vida e pelo que está escondido. Escolhi o jornalismo.

Quando decidi ouvir histórias de suicídio, pensei que seria difícil encontrar fontes. No entanto, bastou falar sobre o projeto com amigos e familiares para perceber que em nosso círculo social sempre tem alguém que conhece uma pessoa que escolheu abandonar a vida. A Organização Mundial da Saúde diz que a cada 40 segundos, uma pessoa tira a

própria vida e, a cada 3 segundos, uma pessoa tenta. É um fato que está a nossa volta, mas pouco se fala. Apesar de velado, o suicídio está presente na vida das pessoas, nos espaços que frequentamos, em nossas famílias e muitas vezes não sabemos.

Por intermédio de pessoas próximas a mim, pude reunir oito contatos. Destes, três não se sentiram à vontade para falar. Respeitei. Afinal, a razão para esse livro existir é mostrar os relatos daqueles que compartilham abertamente suas experiências dolorosas. Aqueles que, de alguma forma, superaram a dor de perder alguém querido para o suicídio ao ponto de falar e até ajudar os que ainda se vêem presos em sentimentos de culpa ou vergonha.

Estamos na transição. Vivemos o momento em que o suicídio é encarado como um problema grave de saúde pública mundial e está deixando de ser evitado na imprensa, na literatura e na vida em sociedade. Encarar de perto o fenômeno e dar atenção a essa parte da população nos leva a refletir sobre a condição humana. Se a primeira regra para a prevenção é falar sobre suicídio, o lugar do jornalista é como contador de histórias, sejam elas anônimas ou não. Afinal, o suicídio é o que pensamos dele.





© Laís Matos 2017

professor orientador MALU FONTES  
projeto gráfico e diagramação ADNAJARA NOVAES  
fotografias BRUNA CASTELO BRANCO E DUDU ASSUNÇÃO  
revisão ALON VASCONCELOS, BRUNA CASTELO BRANCO  
e MALU FONTES  
impressão e acabamentos ADNAJARA NOVAES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Matos, Laís [1995 -]  
Sobre Viventes / Laís Matos  
Salvador: edição da autora, 2017. 104 p.

ISBN 000-00-000000-0-0

1. Suicídio 2. Luto 3. Fotografia I. Título.

CDD-  
CDU-

Este livro, composto pelas fontes Leitura Sans e Frutiger, foi impresso em agosto de 2017 como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da Facom – UFBa.